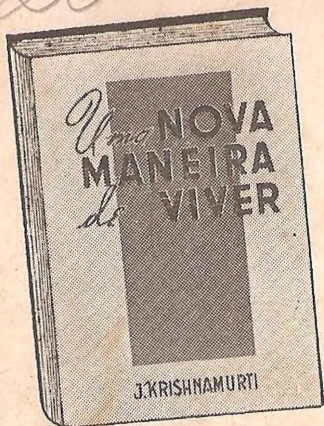


**O QUE TE
FARÁ
FELIZ?**

J. KRISHNAMURTI

20



"O amor é uma das coisas mais difíceis de compreender."

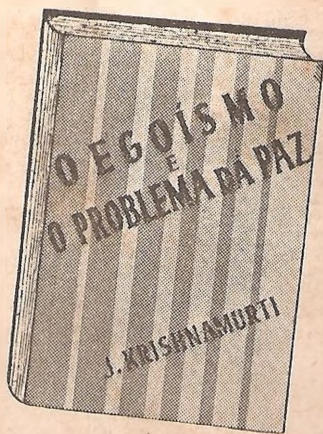
"Ele é um estado no qual as atividades do "ego" deixam de existir".

(J. Krishnamurti)

do mesmo autor

"A fonte da compreensão está dentro do próprio indivíduo, e não pode haver compreensão do mundo nem de vossas relações com ele, sem um profundo conhecimento de vós mesmos".

(J. Krishnamurti)



O QUE TE FARÁ FELIZ ?

A apresentação de novo livro de Jiddu Krishnamurti é, com efeito, algo bem expressivo para a cultura espiritual contemporânea, porquanto atinge o seu conteúdo os problemas fundamentais do homem e sugere um processo inteligente, de todo singular, para os solucionarmos definitivamente. Nesta obra, revelando-se cada vez mais objetivo e apurado na percepção, distingue-se o autor no estudar as relevantes questões da existência, já que, ao contrário dos mais pensadores, não preceitua nenhum caminho para o alcance da Verdade, tanto é exato que só a busca à base da compreensão própria levará o indivíduo e a sociedade à paz e alegria de viver. Apenas o autoconhecimento, salienta Krishnamurti, efetuado adequadamente e sem os embaraços da psicologia tradicional, nos desvenda a fonte oculta das fraquezas e erros pessoais, ensinando-nos a um só tempo os meios de evitá-los ou corrigi-los. Ele, e somente ele, nos pode orientar neste tumultuoso mundo de ilusões e infortúnios, desanuviando os horizontes para vermos claro o significado dos preconceitos, dos credos, do medo, da avidez e de todos os empecilhos mentais.

Preciosos ensinamentos, êsses, os do profundo e sereno psicólogo, porque o inegável é que vivemos às tontas sobre a realidade e os desígnios de nós mesmos, não passando o mais das vezes de meros joguetes de desejos, ídolos e tendências, ocasionadores de conflitos íntimos e sofrimentos de toda ordem. Daí as justificações dos fatalistas, que, indiferentes às relações de causa e efeito no comportamento humano, tudo atribuem a mandamentos ou influências do Destino.

Entretanto, quem estudar e seguir as observações de Krishnamurti, isto é, quem passar a viver na plenitude dos atos, reflexões e sentimentos, tornando-se, assim, uma entidade viva e integrada no seu papel, não terá dúvida sobre o elemento primordial e responsável pela sorte do homem na Terra. Cada um de nós, a bem dizer, é um construtor do "destino" e, se muito nos debatemos

para fugir às agruras da solidão e do desespero, é porque as nossas ações e pensamentos trazem sempre em sua substância o timbre do "ego". E o "ego", enquanto prevalecer, constituirá para todos uma eterna causa de tormentos e intranqüilidades.

A segurança do genial indu no esquadrinhar a alma humana e as suas complexidades persuade-nos de todo e chega a inspirar-nos o desejo de uma vida nova e altamente promissora. É que suas palavras ferem o coração dos nossos problemas e deparam felizes perspectivas a quantos almejam tornar-se, na expressão do termo, um indivíduo, um ser sensível à beleza e à sabedoria criadora.

Não tem este livro o sabor doutrinário, verbalístico ou puramente intelectual de trabalhos do gênero; valem, antes, por um conjunto de observações concretas, dignas de averiguação imparcial, oriundas, como são, da experiência mesma do autor. Nêle é tão visível este característico, que suas afirmações denotam vir de um contato direto com a Realidade e encerram, efetivamente, o poder de edificar.

Na presente desorientação da humanidade, inúmeros benefícios hão de prestar os conceitos deste autêntico Mestre, suscitando não só os alicerces do correto pensar, mas também uma soberba visão da existência, dessa existência que só o discernimento próprio e o senso do belo são capazes de engrandecer.

A felicidade humana é, em última análise, o objetivo único de Krishnamurti e sua honesta e desinteressada atividade exprime, de fato, um contínuo e espontâneo esforço nessa direção.

Obras assim valem irrefutavelmente por um seguro roteiro para a clarificação e enobrecimento do transviado espírito hodierno, devendo, pois, achar-se em tôdas as mãos. Aos ricos e pobres, sem distinção de hierarquia mental ou intelectual, será útil, em todos os pontos, este original trabalho do notável pensador. Que o público brasileiro saiba reconhecer-lhe o mérito e a valia, eis os votos mui sinceros da editôra.

Editado pela
Instituição Cultural Krishnamurti

O QUE TE FARÁ FELIZ ?

(Conferências, com perguntas e respostas, realizadas
em Benares, Índia, em 1949.)



J. KRISHNAMURTI

J. KRISHNAMURTI

O que te fará feliz?

Tradução de
Hugo Veloso



Editado pela
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

Avenida Rio Branco, 117, sala 203

Rio de Janeiro (Brasil)

1950

Copyright 1949 by Krishnamurti Writings Inc.

Título da edição original norte-americana:

KRISHNAMURTI'S
TALKS

Benares — Índia
1949

ÍNDICE

	Fls.
1. ^a Conferência — (Sôbre o problema do homem e a crise mundial).....	5
2. ^a Conferência — (Alusiva à crença e ao experimentar direto)	21
3. ^a Conferência — (Do processo do pensamento e do amor).....	48
4. ^a Conferência — (A Ação e a Idéia)	80
5. ^a Conferência — (Sôbre a vida e a Realidade)	99

PERGUNTAS SÔBRE:

A idéia de um mundo só.....	13
A influência acional do passado..	29
As necessidades psicológicas.....	37
A crença na alma.....	56
Educação	60
Teosofia e a Sociedade Teosófica.....	69
Tranquilização da mente e meditação.....	88
Comunicação da experiência.....	106
Casamento e castidade.....	111
Contrôle do pensamento.....	119
A transformação humana.....	126

Direitos de tradução em português
da
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

Rio de Janeiro (Brasil)

I

Como durante as próximas semanas haverá uma série de palestras, aos domingos, e de discussões às terças, quintas e sábados, é importante, parece-me, aprendermos primeiramente a arte de escutar. Em geral, escutamos com o intuito de confirmar as nossas crenças, ou de reforçar as nossas opiniões, ou escutamos somente para refutar, ou para aguçar o intellecto, ou, ainda, para aprender alguma técnica nova. Parece-me, entretanto, uma maneira errônea de escutar, se o que desejamos é apenas fortalecer as nossas crenças, ou aprender uma nova terminologia ou um novo método de exame. Mas, existe, por certo, uma verdadeira maneira de escutar, principalmente quando se trata de algo talvez estranho, algo talvez novo, que se ouça pela primeira vez. Quando ouvimos uma novidade, nossa tendência é afastá-la, como incompreensível, ou formular um juízo precipitado. Entretanto, se tivéssemos a capacidade de escutar com tódia a atenção, aproveitaríamos, talvez, muito mais do que ouvindo meramente através do crivo dos nossos próprios preconceitos e impressões.

Isto é, se eu desejo compreender uma coisa que dizeis, tenho de escutar não somente a ex-

pressão verbal, mas também aquilo que desejais transmitir-me. As palavras não têm importância tão desmedida; o que realmente importa é a coisa que se deseja transmitir. A comunicação é, pois, mais importante do que a expressão verbal; e só pode haver comunhão entre duas pessoas quando existe o propósito de compreender; se *não quereis compreender*, se aqui estais apenas para criticar, para jogar com palavras, para intelectualizar, não poderá haver comunhão. Mas haverá comunhão entre nós, profunda, judiciosa, ampla, se houver o propósito de compreender. E considero esse propósito de compreender muito mais importante do que a facilidade de filosofar, de criticar, ou de aprender uma nova maneira de expressar um pensamento. Durante todo o decurso destas palestras, nas próximas seis semanas, vós e eu temos de estar em comunhão, de modo que possamos compreender-nos mutuamente, compreender os nossos mútuos problemas, nossas mútuas dificuldades, a maneira de estudarmos o conflito existente em nossa vida, etc. Assim, pois, as nossas relações devem estar baseadas nessa comunhão.

Não estou aqui simplesmente para proferir uma série de palestras, para expor as minhas idéias, porquanto eu não creio em "idéias." As idéias nada transformam, as idéias não promovem a verdadeira revolução. As idéias só servem para provocar novas idéias; mas as idéias não produzirão, nunca, uma revolução perdurá-

vel, radical e fundamental, tão necessária atualmente. Trataremos disso, mais tarde, no decurso destas palestras.

Nessas condições, devemos, se o desejamos, esforçar-nos por estabelecer relações de comunhão, não entre um conferencista e seus ouvintes, não entre instrutor e discípulos, visto que isso seria absurdo. Uma vez que temos de atender aos nossos próprios problemas da vida, e de compreender êsses problemas, é necessário examinarmos-los muito de perto e com tôda atenção, e é isso o que vamos fazer. Compreender é prestar tôda a atenção. Para a maioria de nós a dificuldade está em querermos encontrar solução para o problema. Isso talvez requeira mais explicações. Quando temos um problema, seja de natureza sociológica, psicológica ou, como se diz, espiritual, sempre procuramos uma solução, uma saída, fora do problema, não é verdade? Considerai o vosso próprio problema, e vereis que a tendência é achar uma solução. Não é assim? Entretanto, se sabemos encarar o problema, encontramos então a solução no próprio problema, e não fora dêle. Devo, portanto, acentuar, se mo permitis, que é isso o que faremos durante estas palestras. Não vou oferecer uma solução que vós devais aceitar ou adotar como um novo padrão de ação. Porém, se nós dois pudermos considerar o problema, ver o seu alcance, o seu significado, então, talvez, vendo-o juntos, encontremos a solução correta — não uma

solução fora do problema, mas no próprio problema.

Senhores, qual é o nosso problema? Qual o problema que defrontamos na época atual? É um problema individual ou um problema coletivo? É o problema de um determinado país, de um povo determinado, ou é um problema que atinge o mundo inteiro, sem distinção de raça e nacionalidade? Trata-se, sem dúvida, de um problema que não somente atinge o indivíduo, a vós e a mim, mas também se apresenta ao mundo inteiro; é o problema da desintegração, da derrocada. Tôdas as experiências sociológicas e psicológicas estão rapidamente perdendo o seu valor; as guerras são uma ameaça permanente, e há luta entre classes ou comunas; embora se fale de paz, há sempre preparação para a guerra, o que já se nos tornou um espetáculo habitual de cada dia — uma ideologia em choque com outra ideologia, a esquerda contra a direita, etc.

Pois bem; êste vasto problema mundial é vosso também e *meu* também. ou é independente de nós? A guerra é independente de vós? A luta nacional, a luta comunal é independente de vós? A corrupção, a degradação, a desintegração moral, são independentes de cada um de nós? Essa desintegração está diretamente relacionada conosco, e, por consequente, a responsabilidade cabe a cada um de nós.

Êsse é certamente o problema principal, não é verdade ?

Isto é, para expressá-lo diferentemente: Devemos deixar o problema entregue aos poucos chefes, da esquerda ou da direita, entregue ao partido, à disciplina, a uma ideologia, às Nações Unidas, ao técnico, ao especialista ? Ou trata-se de um problema que nos interessa diretamente, o que quer dizer: somos diretamente responsáveis por êstes problemas, ou não somos ? Êste é, evidentemente, o ponto principal. Muitos de vós talvez não tenhais pensado nisso e por essa razão há de parecer-vos completamente estranho; mas a questão é : se o problema do indivíduo é o problema do mundo, e se vós podeis fazer alguma coisa com relação a êle. O desmoronamento religioso, a desintegração moral, a corrupção política, a chamada independência que nada produziu senão decomposição, êsse problema vos diz respeito, ou preferis deixá-lo ao acaso, ou esperais que aconteça um milagre capaz de suscitar uma revolução ? Ou o deixais a cargo de alguma autoridade, de um partido político, da esquerda ou da direita ? Não cabe a vós resolvê-lo, não vos cabe atacá-lo, não vos cabe reagir vigorosamente a um desafio desta natureza ? Não estou fazendo retórica, mas sim falando de fatos; a hora não é para retórica, que seria coisa absurda. A todo momento é-nos lançado um desafio; a vida é desafio. Reagimos a êle, e de acôrdo com que condicio-

namento? E quando reagimos, esta reação é adequada ao desafio?

Nestas condições, para fazermos face à catástrofe mundial, a esta catástrofe enorme e sem precedentes, não nos cabe verificar como reagimos, individualmente? Pois, afinal de contas, uma sociedade representa as relações existentes entre vós e mim e outro. Não há sociedade que se não baseie nas relações entre indivíduos. O que vós sois, o que eu sou e o que outro é, tal é, por certo, a sociedade. E não é necessário compreendermos essa relação entre vós e mim e outro, para se transformar a sociedade, para se promover uma revolução, uma transformação, completa, radical? Porque, obviamente, é disto que se precisa: revolução; não de uma revolução sangrenta, nem de meras idéias, ou baseada em idéias, mas de uma revolução de valor fundamental; não de uma revolução em conformidade com qualquer padrão ou ideologia, mas de uma revolução nascida da compreensão das relações entre vós e mim e outro, que é a sociedade. Destarte, para suscitar uma transformação radical na sociedade, não nos cabe, individualmente, a responsabilidade de descobrir qual é a nossa reação direta a êsse desafio? Reagimos como hindus, muçulmanos, cristãos, comunistas, ou socialistas? E será válida tal reação, será uma reação capaz de causar transformação fundamental? Espero que vos esteja mostrando com clareza o problema.

Se reagis a esta crise mundial, que representa um desafio novo, como hindu, por certo não estais compreendendo o desafio. Estais meramente reagindo ao desafio, que é sempre novo, em conformidade com um padrão velho e, por conseguinte, a vossa reação não tem fôrça adequada, não tem originalidade nem vigor. Se reagis como católico ou comunista, estais também reagindo em conformidade com um pensamento-padrão. Por esta razão, não tem valia a vossa reação. E não foi o hindu, o muçulmano, o budista, o cristão, quem criou êste problema? Tal como a nova religião é o culto do Estado, a velha religião era o culto de uma idéia. Nessas condições, se reagis a um desafio em conformidade com um antigo condicionamento, a vossa reação não vos capacitará para compreender o novo desafio. Por conseguinte, o que a cada um impende fazer, ao defrontar o desafio, é despojar-se completamente, desnudar-se, de todo, do seu cabedal de experiência e de idéias, e fazer frente ao desafio de maneira nova. Indubitavelmente, um Estado, uma nação, uma civilização, um povo perdura, subsiste e sobrevive, sòmente quando capaz de enfrentar o desafio de maneira nova; do contrário, sucumbe e é destruído. E é exatamente isso que está acontecendo. Tècnicamente, estamos sobremaneira adiantados. porém, moral e espiritualmente, estamos atrasadíssimos. E, carecendo de tal vigor moral, entramos em contato com êste prodigioso pro-

gresso técnico, resultando daí, sempre, atrito e contradição.

Vemos, pois, — não é verdade? — qual é o nosso problema : Ê-nos lançado êste novo desafio. E todos os guias espirituais, morais e políticos falharam, e sempre haverão de falhar, visto que escolhemos tais guias por causa de nossa própria confusão e. nessas condições, qualquer guia que escolhermos nos levará inevitavelmente à confusão. Senhor, vêde a importância que isso tem, não o jogueis para um lado, como uma alegação engenhosa. Vêde o perigo a que vos expõe um guia, tanto política como religiosamente. Porque aquêle que escolhemos para guia é escolhido por causa de nossa confusão. Porque estou confuso e não sei o que fazer e como proceder, recorro a vós, e porque estou confuso, eu vos escolho. Se há clareza em mim, eu não vos escolherei; não necessito de guia, porque sou uma luz para mim mesmo e capaz, portanto, de pensar profundamente nos meus problemas. Ê só quando estou confuso, que me dirijo a outro, que chamarei *guru*, Mahatma, guia político, etc.; mas só recorro a êle por causa de minha confusão. Vejo sòmente através da escuridão de minha confusão.

Todo homem que deseje investigar, no seu todo, o catastrófico problema do sofrimento, deve começar em si mesmo. Só a criadora compreensão de nós mesmos possibilitará o adven-

to de um mundo fecundo, feliz, um mundo no qual não existirão idéias.

P e r g u n t a : Vós pregais a idéia de um só mundo, de uma sociedade sem classes, que é a base do comunismo. Mas, quais são as vossas sanções, qual a vossa técnica para a nova revolução ?

K r i s h n a m u r t i : Mas, que quereis dizer com sanções ? Quereis saber em que autoridade eu me baseio, não é verdade ? Quereis saber quem foi que me deu autorização para falar, ou qual é o meu rótulo. Em outros termos, o que vos interessa é o rótulo, o nome, é descobrir quem me deu autorização, quem me deu a sanção, não é verdade ? Significa isso que estais mais interessado em conhecer o meu rótulo do que em descobrir o que há de verdadeiro no que estou dizendo. Não é assim ? Estais escutando, senhores, ou estais com a atenção noutra coisa ? Senhor, esta é uma questão de certa importância e vamos, por isso, examiná-la com alguma profundidade.

Em geral, nós apreciamos uma coisa ou seguimos uma coisa por ter sido sancionada por autoridade. Fulano de tal pintou um quadro, *logo*, deve ser um belo quadro. Fulano de tal escreveu um poema, *por conseguinte*, como êle é famoso, o poema deve ser bom. Êle tem muitos seguidores, *logo*, deve ser verdadeiro o que diz.

Por outras palavras, a vossa sanção depende da popularidade, do sucesso, da riqueza da linguagem, do aparato externo, não é verdade? Portanto, quando me perguntais qual é a minha sanção, quereis saber se sou o Instrutor Universal. E eu respondo : não sejamos tão estúpidos. Se eu o sou ou não sou, é coisa irrelevante; não tem absolutamente importância alguma a minha sanção. O que é de fundamental importância é que examineis o que estou dizendo, para descobrires por vós mesmos, sem ajuda da autoridade. Esta é a razão por que sou contrário às organizações; é uma das razões, pois as organizações criam sempre um fundo de autoridade; mas, ao homem que busca a verdade não interessa autoridade alguma, seja de um livro — do Bahagavad ou da Bíblia — seja de uma pessoa. O que êle busca é a verdade, e não a autoridade de uma pessoa. Enquanto estiverdes a examinar o meu rótulo, para verificar se êsse rótulo é digno de reverência, digno de atenção, quer-me parecer que tanto vós como eu estamos a perder tempo. Porque eu não me baseio em autoridade nem tenho sanção alguma. Estou dizendo algo que é para mim verdadeiro, porque resultante de experiência direta, e não da leitura de livros ou do sêguimento de alguém. Porque não li nenhum dos chamados livros psicológicos ou religiosos; e sendo, pois, uma experiência direta, minha, se desejais apreciá-la, sois benvindo; mas, se ficardes à procura do rótulo, não o achareis; e quer-

me parecer que é isso o que está fazendo a maioria de vós. Esta é a razão da pergunta: "Qual é a vossa sanção?". Já que não tenho sanção nem autorização alguma, não estou procedendo como *guru* ou como autoridade, para vós ou outro qualquer. Assim sendo, se tendes interesse, escutar-me-eis diretamente e descobrireis a verdade do que se está dizendo, o que significa que precisais livrar a vossa mente de toda autoridade e ser capaz de observar as coisas diretamente e com simplicidade.

Mas o interrogante deseja também saber qual é a nova técnica que tenho para oferecer. Ora, Senhor, mais uma vez, compreendamos a palavra "técnica". Revolução é uma questão de técnica? Uma revolução política, uma revolução social poderá necessitar de uma determinada técnica, porque seguís uma certa ideologia, com o fim de conseguir um determinado resultado, e para produzir-se tal resultado, precisa-se conhecer a ideologia, assim como a maneira de a pôr em prática; quer se trate da ideologia comunista, quer da fascista ou capitalista, precisais de aprender uma técnica, a fim de alcançardes um resultado; mas, é essa a revolução fundamental? Uma técnica produzirá a verdadeira revolução? Precisamos, sociologicamente, de uma revolução radical e fundamental. Precisamos de uma transformação total. Ora, uma técnica, que representa um método, uma maneira, operará tal transformação? Ou é ne-

cessário que haja indivíduos — vós e eu — que compreendam o problema e estejam, em si mesmos, num estado de revolução? Em tais condições, a influência desses indivíduos na sociedade é revolucionária, porquanto não estão meramente aprendendo uma técnica de revolução, mas estão, êles próprios, revolucionados. Estou sendo claro?

Assim, pois, quando me perguntais qual é o meu método ou técnica de revolução, eu respondo que devemos primeiramente ver o que se entende pela palavra “técnica”. Não é mais importante, mais essencial, que estejais revolucionados, em vez de apenas procurardes uma técnica revolucionária?. Mas, porque não estais revolucionados? Porque não há em vós o novo processo da vida? Porque não há em vós uma maneira nova de considerar a vida, uma chama, um descontentamento tremendo? Porque? Um homem que está completamente insatisfeito, não só com certas coisas, mas inerentemente insatisfeito, não necessita de técnica alguma para ser revolucionário. Êle mesmo é uma revolução, uma ameaça à sociedade, e chamamo-lo revolucionário. Mas, porque não sois um homem assim? Para mim, o que importa não é a técnica, mas, sim, o fazer-vos revolucionários, ajudar-vos a despertar, para perceberdes a importância da completa transformação. E quando vós estiverdes transformados, podereis então agir,

porque haverá aquêles constante fluir de seiva nova, que é, afinal de contas, revolução.

Conseqüentemente, para mim, a importância da revolução interior, da transformação psicológica, é muito maior do que a da revolução exterior. A revolução exterior é mera modificação, que significa continuidade modificada, mas a revolução interior não tem pouso de descanso, não tem parada, está em constante renovação. E é disto que necessitamos na hora atual: um povo completamente descontente e capaz, portanto, de discernir a verdade das coisas. O homem complacente, o homem que se satisfaz com dinheiro, com posições, com uma idéia, é incapaz de perceber a verdade. Só o homem que está descontente, o homem que investiga, que pergunta, que duvida, que observa, só êsse homem descobre a verdade; êle é uma revolução em si mesmo e, portanto, nas suas relações. E, conseqüentemente, aquilo que constitui o seu mundo — ou seja as suas relações com outro — êle começa a transformar. E influencia, dêsse modo, o mundo compreendido na esfera de suas relações. Assim sendo, se meramente procurais uma técnica, ou indagais qual é a minha técnica para a nova revolução, isso me parece fora de propósito, ou melhor, parece indicar que não percebeis a importância de estardes revolucionado em vós mesmo; e, para serdes uma revolução em vós mesmo, necessário é que desperdeis para o ambiente, para o meio em que viveis.

Senhores, tôda sociedade nova, tôda civilização nova, deve ser começada por vós. Como foi que começou o cristianismo, o budismo, e todo movimento significativo? Pela iniciativa de uns poucos verdadeiramente inflamados pela idéia e pelo sentimento. Tinham êles os corações abertos a uma vida nova. Constituíam um núcleo, não tinham crença numa determinada coisa, mas tinham em si próprios a *experiência* da realidade — a realidade daquilo que viam. E o que nos cabe fazer, a vós e a mim, é, se posso sugeri-lo, vermos as coisas por nós mesmos e não através de uma técnica. Senhor, podeis ler um poema de amor, mas se não houverdes sentido, como *experiência*, o que é o amor, por mais que tenhais lido, por melhor que tenhais aprendido a técnica, não conhecereis o perfume do amor. E como não possuímos êsse amor, andamos à procura da técnica. Estamos exaustos e famintos, e estamos, por isso, superficialmente, à procura de uma técnica. Um homem faminto não procura técnica alguma. O que lhe interessa é o alimento e êle não fica à porta do restaurante a aspirar o cheiro da comida. Assim, pois, ao pedirdes uma técnica, denota isso que não tendes realmente fome. O “como” não é importante, mas a razão *por que* pedis êsse “como” é muito importante.

Nessas condições, só poderá haver revolução, só poderá haver a contínua renovação interior, quando compreenderdes a vós mesmos. Vós

só podeis compreender-vos na vida de relação, e não no isolamento. Visto que nada pode existir no isolamento, a compreensão de vós mesmos, o conhecimento de vós mesmos, em qualquer nível que seja, só pode ser aprendido na vida de relação. E como a vida de relação é dolorosa e está em movimento constante, desejamos dela fugir e encontrar a realidade fora das relações. Não existe realidade alguma fora da vida de relação. Quando compreendo a vida de relação, esta mesma compreensão é a realidade. Por conseguinte, é necessário mantermo-nos extraordinariamente vigilantes, despertos, vigilantes a todo momento, abertos a todo desafio e a toda sugestão ou alusão. Mas tal coisa exige um certo alertamento da mente e do coração, mas nós, em geral, vivemos a dormir, vivemos desiludidos e, embora jovens, já temos um pé no túmulo. Porque só pensamos com propósitos de sucesso, com propósitos de ganho, nunca vivemos verdadeiramente; só nos preocupa o fim a que visamos; e porque só andamos a demandar um fim, somos gente sem vida. Por isso, nunca somos revolucionários. Se estiverdes interessados diretamente na vida e no viver, e não na idéia relativa ao viver, não podereis então deixar de ser uma revolução em vós mesmo. Sereis vós mesmo uma revolução, porque estareis enfrentando a vida diretamente, e não por detrás de cortinas de palavras, de preconceitos, intenções e fins. E o homem que enfrenta a vida diretamente é aquêl

que se acha num estado de descontentamento; e precisais estar nesse estado de descontentamento, para encontrardes a realidade. E a realidade é que liberta, que nos faz livres; é a realidade que liberta a mente de suas ilusões e criações. Mas achar a realidade, estar aberto, significa estar descontente. Não podeis procurar a realidade, ela tem de vir a vós; mas, só poderá vir quando a vossa mente estiver de todo insatisfeita e pronta para recebê-la. Mas, em geral, temos medo de ficar descontentes, pois sabe Deus aonde esse descontentamento nos levaria. Por essa razão nosso descontentamento é circundado de segurança, de proteção, de ações sempre cuidadosamente planejadas. E um tal estado mental é incapaz de compreender a verdade. A verdade não é estática, porquanto a verdade está fora do tempo, e a mente não pode acompanhar a verdade, porque a mente é produto do tempo; e aquilo que depende do tempo não pode conhecer, como *experiência*, o que é eterno. A verdade se manifesta ao homem que se acha naquele estado de descontentamento, mas não anda em busca de um fim; porquanto todo aquêlê que busca um fim está em busca de satisfação; e satisfação, aprazimento, não é a verdade.

16 de janeiro de 1949.

II

É necessário diferencarmos entre a experiência produzida pela crença e o *experimental* direto. A crença, obviamente, é prejudicial ao *experimental*. É só pelo direto *experimental*, e não pela crença, que se pode achar a realidade de qualquer coisa. A crença é desnecessária, ao passo que o *experimental* é essencial, mormente num mundo onde existem tantas contradições, tantos especialistas, cada um a preconizar a sua solução própria. Nós, a gente comum, precisamos descobrir a verdade relativa a tôda esta confusão e tôda esta angústia. E, por isso, faz-se necessário indagarmos se a crença é essencial e se ela nos ajuda a conhecer, a *experimental*, a realidade.

Ora bem, o mundo, como sabemos, está dividido em dois campos : o dos que crêem que a vida material é de precípua importância — a existência material da sociedade, a alteração do ambiente, o recondicionamento do homem ao ambiente — e o dos que acreditam ser a vida espiritual de primeira importância. A extrema esquerda crê na modificação e transformação do ambiente; e há os que crêem que a vida espiri-

tual do homem é que tem importância fundamental.

Pois bem: cabe-nos, a vós e a mim, descobrir a verdade a êsse respeito. De acôrdo com essa verdade, será correta a nossa vida. Os especialistas dizem que o ambiente tem a primazia, e há os que dizem que o espírito é que tem primazia, e a vós e a mim impende descobrir a verdade a tal respeito. Não é questão de crença, uma vez que a crença não tem valia com relação à *experiência*. A que devemos atribuir importância, ao ambiente ou à vida espiritual? E como iremos, vós e eu, descobrir a verdade sôbre isto? Não será por meio de leituras intermináveis; não será pelo seguirmos os especialistas da esquerda ou da direita; não será pelo seguirmos aquêles que acreditam ser a vida material da sociedade de primacial importância; não será ainda pelo estudo de todos os seus livros, de tôda a sua ciência especializada, nem pelo seguirmos aquêles que acreditam na primazia da vida espiritual e todos os seus escritos. O crer, simplesmente, neste ou naquele, não é, por certo, encontrar a verdade contida na questão.

Todavia, os mais de nós estamos envolvidos pela crença, estamos incertos. Ora pensamos de um modo, ora doutro. Nunca estamos certos; estamos tão confusos como os especialistas, na sua certeza. Não podemos aceitar nada como certo, não podemos seguir a um ou a outro, porquanto tanto um como o outro nos levam à

confusão, visto que a aceitação de qualquer autoridade, em tais questões, é, evidentemente, prejudicial à sociedade. A influência dos guias é um fator de degenerescência da sociedade; entretanto, tanto vós como eu, colhidos que estamos entre os dois campos e sem saber o que fazer, precisamos descobrir qual é a verdade contida na questão, e isso sem nos cingirmos a especialista algum.

E como poremos mãos à obra? Senhor, esta é uma das questões fundamentais da atualidade. Há os que aplicam tôdas as suas energias, tôdas as suas capacidades, tôda a sua fôrça e pensamento à alteração do ambiente, o qual esperam que por fim venha a transformar o indivíduo; e há os que preferem apelar, cada vez mais, para a crença, para a ortodoxia, para a religião organizada, e assim por diante. Êsses dois grupos estão em guerra um com o outro, e a nós cabe decidir, não decidir sôbre o partido que devemos tomar, já que não se trata de tomar partido, mas precisamos estar certos da verdade relativa a essas coisas.

Outrossim, não podemos, evidentemente, ficar na dependência de nossos preconceitos, uma vez que êstes não nos mostram a verdade a tal respeito. Se fôstes “condicionado” num ambiente religioso, direis que o espírito tem a primazia. Outro, educado diferentemente, dirá que a existência material da sociedade é que tem importância primacial.

Pois bem: como poderemos, vós e eu, que somos gente comum, que não contamos com conhecimentos acumulados, com teorias, demonstrações, provas históricas — como poderemos descobrir a verdade relativa a tudo isso? Não é esta uma questão importantíssima? Pois de tal descoberta depende nossa futura responsabilidade de ação. Não é, pois, uma questão de crença; a crença é também uma forma de “condicionamento” e ela não nos ajudará a achar a verdade relativa a esta questão.

Assim sendo, para encontrarmos essa verdade, não é necessário, em primeiro lugar, estarmos livres de nossa educação religiosa, bem como de nossa educação materialista? Significa isso que não podemos meramente aceitar; precisamos estar livres do “condicionamento” que nos faz pensar que a existência material da sociedade tem precípua importância, bem como do “condicionamento” que nos faz acreditar que a vida espiritual é de importância básica. Precisamos estar livres das duas coisas, a fim de acharmos a verdade a respeito de ambas. Isso é, sem dúvida, bem evidente, não achais? Para encontrar-se a verdade relativa a uma coisa, é preciso que a examinemos de maneira nova, original, sem preconceito algum.

Está visto, pois, que, para acharmos a verdade relativa a essas coisas, é necessário que nos libertemos de nosso lastro de idéias e experiência, de nosso ambiente. Será possível isso?

Isto é, vivemos somente de pão ? Ou existe outro fator, que molde o exterior, o ambiente, em conformidade com nosso estado psicológico ? E o encontrar-se a verdade relativa a essa questão é de primacial importância para toda pessoa responsável e sincera, porquanto daí depende sua ação, e para achar essa verdade, é necessário que o indivíduo estude a si próprio, e que esteja consciente de si mesmo em ação. O aspecto material da sociedade tem o papel principal em nossa vida ? O ambiente desempenha o papel mais importante na nossa vida ? Para a maioria de nós, não há dúvida de que sim. É o ambiente que molda os nossos pensamentos e sentimentos ? E onde é que começa a chamada vida espiritual, e onde acaba a influência do ambiente ? Certamente, para verificá-lo, necessário é que o indivíduo estude as suas próprias ações, seus próprios pensamentos e sentimentos. Por outras palavras, é preciso o autoconhecimento — não o conhecimento que se encontra num livro, que se colhe em várias fontes, mas o conhecimento do vosso viver, dia por dia, momento por momento, o conhecimento do “ego”, em qualquer nível que seja encontrado.

Vemos, pois, que a verdade relativa a essa questão está na compreensão de vós mesmos, em relação com o ambiente, em relação com uma idéia, que se chama espírito. É isso ?

Conforme já apreciamos em nossas discussões de ontem e dos dias precedentes, a vida

é uma questão de relação. O viver, o existir implica relação; e é sòmente na vida de relação, no compreender a vida de relação, que começaremos a descobrir a verdade relativa a esta questão: se a vida material é de primacial importância, ou não. Temos, portanto, de descobrir essa verdade, de entrar em contato com ela, pela compreensão da vida de relação, e não apenas apegando-nos a uma crença. E essa descoberta, essa *experiência*, nos dará então a realidade contida nessas duas coisas.

Assim, pois, o autoconhecimento é de importância básica para o descobrimento da verdade, significando isto que o indivíduo precisa estar consciente de cada pensamento e cada sentimento, e perceber de onde procedem essas reações; e só é possível estar consciente com tanta claridade e amplitude, se não houver condenação nem justificação. Isto é, se estamos conscientes de um pensamento, de um sentimento, e o seguirmos de princípio a fim, sem condenação, poderemos então perceber se se trata de reação ao ambiente ou, simplesmente, de reação a uma exigência material, ou ainda, se o pensamento provém de uma fonte diferente.

Assim, pelo percebimento sem condenação nem justificação começaremos a compreender a nós mesmos — que somos as várias reações a diferentes estímulos, reações ao ambiente, que significa relações. Por conseguinte, a vida de relação, ou, antes, a compreensão da vida de re-

lação, assume grande importância — nossas relações com a propriedade, nossas relações com pessoas, nossas relações com idéias — e esse movimento de relações não pode ser compreendido se existe qualquer tendência à condenação ou à justificação. Se desejais compreender uma coisa, é claro que não deveis condená-la. Se desejais compreender vosso filho, cabe-vos estudá-lo, observá-lo, estudar as suas diferentes disposições de ânimo, estudá-lo quando brinca, etc. De igual maneira, precisamos estudar a nós mesmos, a todos os momentos, e não apenas num dado momento, e só poderemos estudar a nós mesmos quando não há condenação; mas é extremamente difícil não condenar, porquanto a condenação ou a comparação representa uma fuga do “que é”; e para se estudar o “que é” requer-se uma extraordinária vigilância mental e essa vigilância amortece, quando se deixa prender pela comparação, pela condenação. Condenar não é compreender, estai certos disso. É tão mais fácil condenar uma criança ou uma pessoa do que compreender tal pessoa! Para se compreender a pessoa, faz-se mister atenção, interesse.

Nosso problema, portanto, é a compreensão de nós mesmos, tais como somos, visto que cada um de nós é não só o ambiente, mas algo mais. Esse “algo mais” não resulta de crença. Precisamos descobri-lo *experimentá-lo* diretamente, e a crença é um empecilho à *experiência* direta.

Precisamos, pois, considerar a nós mesmos exatamente como somos e estudar a nós mesmos tais como somos; e êsse estudo só pode ser feito no estado de relação, e não no isolamento.

Fizeram-me várias perguntas. Ora, é muito fácil fazer uma pergunta. Qualquer um pode fazer uma pergunta. Mas uma pergunta adequada, feita a sério, encontrará resposta adequada. Pois bem : vós me fizestes várias perguntas e, se posso sugerir-lo, há uma maneira de escutar, que ajuda a compreender o problema. Vós tendes um problema, por isso me fizestes uma pergunta e desejais uma resposta. Existe, sem dúvida, uma maneira receptiva de escutar. É como estar sentado à frente de um quadro, a absorver o seu significado, sem esforço para compreender o quadro. Não sei se já se deu convosco, ao verdes certos quadros modernos, surrealistas, abstratos, ser vossa primeira reação condená-los, dizer “que bobagem”, “que exprime isso?”, porque fostes educados para apreciar a arte clássica. Mas há uma outra maneira de se olharem tais quadros, isto é, sem condenação, porém com receptividade, de sorte que êles nos contem a sua história. Essa é por certo a única maneira de se compreender o que quer que seja: estar receptivo — não para tudo quanto fôr absurdo, naturalmente — mas de tal maneira receptivo, que a vossa pergunta especial receba uma resposta verdadeira, contanto que a escuteis de modo adequado. O subcons-

ciente, sem dúvida, tem muito mais empenho em compreender do que o consciente, porquanto o consciente, sempre agitado, preocupado, puxado para um lado e para outro, sempre aflito, tem problemas inumeráveis. Mas há, por certo, uma parte da mente que não está agitada, e que tem o maior empenho em descobrir. Ora, se pudermos oferecer a essa parte da mente uma oportunidade de escutar, de receber, então, não tendes dúvida de que as vossas perguntas serão respondidas sem que vos esforceis para compreender as respostas. Isto é, por outras palavras, a compreensão não é questão de esforço. A compreensão de qualquer de vossos problemas não virá à força de vos preocupardes com tal problema. Análogamente, se me é permitido sugerir-lo, escutai com o propósito de compreender e não de refutar ou de confirmar as vossas próprias pressunções e preconceitos.

P e r g u n t a : P o d e o p a s s a d o d i s s o l v e r - s e r e p e n t i n a m e n t e , o u é n e c e s s á r i o , i n v a r i á v e l - m e n t e , u m c e r t o t e m p o ?

K r i s h n a m u r t i : Nós somos o resultado do passado. Nosso pensamento se baseia no dia de ontem e em muitos milhares de dias passados. Somos o resultado do tempo, e todas as nossas reações, todas as nossas atitudes no presente, representam o efeito cumulativo de muitos milhares de momentos, incidentes e

experiências. Por consequência, para a maioria de nós o passado é o presente, e isso é um fato inegável. Vós — vossos pensamentos, vossas ações, vossas reações — sois resultado do passado. Ora bem, o interrogante deseja saber se o passado pode ser apagado imediatamente, isto é, não dentro de certo tempo, porém imediatamente; ou exige esse passado cumulativo algum tempo, até que a mente esteja livre no presente? É importante que se compreenda a pergunta. Isto é, já que cada um de nós é resultado do passado, com um fundo de inumeráveis influências, a variarem e a se modificarem constantemente, é possível apagar-se esse fundo sem se passar pelo processo do tempo? Está claro isso? A pergunta está clara, sem dúvida.

Pois bem : que é o passado? Que entendemos por passado? Não nos referimos, naturalmente, ao passado cronológico, ao segundo que precedeu, não nos referimos a isso, que é coisa definitivamente acabada. Referimo-nos, é claro, às *experiências* acumuladas, às reações, lembranças, tradições e conhecimentos acumulados, ao nosso depósito subconsciente de inumeráveis pensamentos, sentimentos, influências e reações. Com uma tal bagagem não é possível compreender a realidade, porquanto, necessariamente, a realidade não pertence ao tempo : ela é eterna. Por isso, não se pode compreender o eterno com uma mente que é produto do tempo. Deseja saber o interrogante se é possí-

vel libertar-se a mente, ou se é possível que a mente, que é resultado do tempo, deixe de existir de súbito; ou se é necessário que se proceda a uma longa série de exames e análises para, dêse modo, libertar-se a mente de suas acumulações. Vós percebeis a dificuldade da questão.

Ora, a mente é o nosso cabedal de idéias e *experiências*; a mente é resultado do tempo; a mente é o passado, a mente não é o futuro. Ela pode projetar-se no futuro; e a mente serve-se do presente como de uma passagem para o futuro; por conseguinte, o que quer que faça, seja qual fôr a sua atividade — sua atividade futura, sua atividade presente, sua atividade passada — ela está sempre prêsa na rêde do tempo. É possível que a mente deixe de existir de todo, isto é, que o processo do pensamento termine? Ora, é bem certo que há muitas camadas a constituírem a mente; o que chamamos consciência tem muitas camadas, cada uma delas relacionada com a outra, cada uma dependente da outra e atuando reciprocamente uma sôbre a outra; e o total de nossa consciência não é apenas o processo de *experimental*, mas também o de dar nome, designar e, ainda, armazenar na memória. Tal é o processo completo da consciência, não é? Ou achais tudo isso difícil demais?

Quando falamos de consciência, não nos referimos ao processo de *experimental*, de dar nome ou designação à *experiência* e guardá-la, dessa maneira, na memória? Tudo isso, certa-

mente, em níveis diferentes, constitui a nossa consciência. E pode a mente, que é resultado do tempo, mediante um processo de análise, chegar, passo a passo, a libertar-se da experiência acumulada? Ou é possível ficar-se inteiramente livre do tempo e contemplar-se diretamente a realidade? Vejamo-lo. Interessa-vos isto? Esta questão, é realmente importante, pois é possível, como logo explicarei, ficarmos livres da experiência acumulada e, assim, renovarmos imediatamente a nossa vida, sem dependermos do tempo, recriar-nos de pronto, independentemente do tempo. Se isso vos interessa, prosseguirei e vereis.

Para ficarmos livres da experiência acumulada, dizem muitos analistas que devemos examinar cada reação, cada complexo, cada empecilho, cada obstáculo, o que necessariamente implica um processo de tempo; e significa, também, que o analista tem de compreender o que está analisando; e que não deve interpretar erroneamente aquilo que está analisando. Porque, se o interpretar falsamente, tal interpretação o levará a conclusões errôneas, com o que se constituirá um novo acervo mental. Estais percebendo? Por consequência, o analista precisa ser capaz de analisar os seus pensamentos, sem o mais leve desvio; e não deve errar um só passo, na sua análise, porquanto qualquer passo em falso, qualquer conclusão errônea, significa a formação de um novo fundo mental de ordem

diferente e em nível diferente. E surge, também, o seguinte problema : Será o analista diferente da coisa analisada ? Não representam o analista e a coisa analisada um fenômeno conjunto ? Senhor, não sei se isso vos interessa, mas, em todo caso, continuarei.

Indubitavelmente, o indivíduo que *experimenta* e a sua *experiência* constituem um fenômeno conjunto, não são dois processos separados. Vejamos, pois, em primeiro lugar, a dificuldade de analisar. É quase impossível analisar tudo o que se contém em nossa consciência e ficar-se livre, por um tal processo. Porque, afinal de contas, quem é o analista ? O analista não é diferente, embora o pense, da coisa analisada. Pode separar-se da coisa que analisa, mas sempre faz parte dela. Tenho um pensamento, tenho um sentimento, sinto, por exemplo, cólera. A pessoa que analisa a cólera faz parte, ainda, da cólera; por conseguinte, o analista e a coisa analisada constituem um fenômeno conjunto, e não duas forças ou processos separados. Assim, pois, a dificuldade de nos analisarmos, de nos descerrarmos, de olharmos a nós mesmos, página por página, observando cada reação, cada resposta, é incalculável e exige muito tempo. Não concordais ? Portanto, essa não é a maneira indicada para nos libertarmos do complexo de nossos sentimentos. Não é assim ? Deve, portanto, haver uma maneira de proceder mais simples e direta; é o que vamos verificar. Mas,

para o verificarmos, precisamos abrir mão de tudo o que é falso. A análise, pois, não é o processo correto e devemos abandoná-la. Assim como não tomaríeis por um caminho que não leva a parte alguma, assim também cumpre evitardes o processo da análise, que não vos levará a parte alguma; êle está, por conseguinte, fora de vosso sistema.

Que vos resta, então? Estais afeitos sòmente à análise, não é verdade? O observador que observa — sendo o observador e a coisa observada um fenómeno conjunto — o observador que observa e procura analisar a coisa observada, não conseguirá libertar-se do seu acervo mental. Se assim é — e de fato é — deveis abandonar tal processo, não? Não sei se estais compreendendo tudo isso. Ao perceberdes que tal método é falso, ao compreenderdes, não apenas verbalmente, porém, realmente, que é falso êsse processo, que acontece, então, à vossa análise? Desistis de analisar, não é verdade? E que vos resta então? Atentai, senhor, para o que estou dizendo, segui-o, se vos apraz, e vereis com que rapidez um indivíduo pode libertar-se do seu acervo mental. Mas, se a análise não é o método correto, que vos resta ainda? Qual é o estado da mente habituada a analisar, pesquisar, perscrutar, dissecar, tirar conclusões, etc.? Se êsse processo se detém, qual é o estado de vossa mente?

Dizeis que a mente fica vazia. Pois bem : continuai a penetrar nessa mente vazia. Por outras palavras, ao deitardes fora, como falso, o que é conhecido, que acontece à vossa mente ? Afinal de contas, que foi que deitastes fora ? Deitastes fora o falso processo resultante de vosso acervo de idéias e experiências. Não é assim ? De um só golpe, por assim dizer, lançastes fora tudo isso. Por conseguinte, a vossa mente, depois de rejeitardes o processo analítico e tudo o que êle implica, e de o reconhecerdes como falso, fica liberta do "ontem", sendo, assim, capaz de observar diretamente, sem passar pelo processo do tempo, com o que se desfaz, imediatamente, do seu acervo de idéias e experiências.

Senhor, formulemos diferentemente a questão : O pensamento é resultado do tempo, não é verdade ? O pensamento é resultado do ambiente, de influências sociais e religiosas, e tudo isso faz parte do tempo. Pois bem : pode o pensamento ficar livre do tempo ? Isto é, o pensamento, que é resultado do tempo, pode parar e ficar livre do processo do tempo ? O pensamento pode ser controlado, modelado; mas o controle do pensamento está ainda compreendido nos domínios do tempo, e, por isso, a nossa dificuldade é a seguinte : Como pode uma mente, que é resultado do tempo, de milhares de dias passados, ficar

livre, instantâneamente, dêsse complexo acervo de influências ? E a verdade é que podeis libertar-vos de tal acervo, não amanhã, porém no presente, no agora. Só é possível isso ao perceberdes aquilo que é falso; e o falso é, òbviamente, o processo analítico, e êste é a única coisa que temos. Cessando de todo o processo analítico, não mediante compulsão, porém pela compreensão da inevitável falsidade dêsse processo, vereis então que a vossa mente ficará completamente dissociada do passado — o que não significa que deixareis de reconhecer o passado, porém, que a vossa mente não terá mais comunhão direta com o passado. Pode, portanto, a mente libertar-se, imediatamente, do passado, e essa dissociação do passado, essa completa libertação do ontem — psicologicamente e não cronologicamente — é possível, e essa é a única maneira de se compreender a realidade.

Agora, expressando-o de maneira muito simples; quando desejais compreender um coisa, qual é o estado da vossa mente ? Quando desejais compreender vosso filho, quando desejais compreender alguém, ou alguma coisa, qual é o estado da vossa mente ? Não ficais a analisar, a criticar, a julgar o que o outro está dizendo, ficais apenas escutando, não é verdade ? Vossa mente se acha num estado em que o processo do pensamento está inativo, porém muito atento. É exato isso ? E essa atenção não se relaciona com o tempo. O que estais é, simplesmente, aler-

tado, passivamente receptivo, mas ao mesmo tempo plenamente atento; e é só nesse estado que há compreensão. Naturalmente, quando a mente está agitada, interrogando, afligindo-se, dissecando, analisando, não há compreensão. E quando há o desejo ardente de compreender, a mente está evidentemente tranqüila. Isto naturalmente vós tereis de *experimentar*, e não deveis aceitá-lo somente porque o estou dizendo. Mas é fácil verificar que quanto mais analisais, tanto menos compreendeis. Podeis compreender certos fatos, certas *experiências*; mas não é possível esvaziar a consciência de todo o seu conteúdo, por meio do processo analítico. Só é possível isso ao perceberdes a falsidade do método analítico. Ao reconhecerdes o falso como falso, começareis a ver o que é verdadeiro; e a verdade é que vos libertará das influências do passado. Para receber essa verdade, deve a mente desistir de ser analítica, não deve ficar prêsa ao processo do pensamento, que, evidentemente, é análise, o que nos conduz a outra questão inteiramente diferente, ou seja : Que é meditação correta? — da qual trataremos noutra ocasião.

P e r g u n t a : É-me necessário, como o sol, o amor do Instrutor, para que eu possa desabrochar. Uma tal necessidade psicológica não é da mesma ordem que a necessidade de alimento, de vestuário e morada? Parece que conde-

nais tôdas as necessidades psicológicas. Onde está a verdade, nessa questão ?

K r i s h n a m u r t i : Presumivelmente, a maioria de vós tem um instrutor de alguma espécie, não é verdade ? Alguma espécie de “guru”, lá no Himalaia, ou por aqui mesmo. Não é verdade isso ? Alguma espécie de guia. Ora, porque precisais dêle ? Naturalmente, não necessitais dêle para fins materiais, a não ser que vos prometa um bom emprêgo para depois de amanhã. Assim sendo, presumo que o necessitais para fins psicológicos, não é ? Pois bem, porque precisais dêle ? Fundamentalmente, é claro que dêle necessitais, porque dizeis : “Estou confuso; não sei como viver neste mundo; as coisas são muito contraditórias. Há confusão, há sofrimento, há morte, decadência, degradação, desintegração, e preciso de alguém para me aconselhar o que fazer”. Não é esta a razão por que necessitais de um *guru*, por que vos dirigis a um *guru* ?

Dizeis: “Confuso como estou, necessito de um instrutor para me ajudar a clarificar a confusão, ou, melhor, para me ajudar a dissolver a confusão”. Não é isso ? Vossa necessidade, portanto, é psicológica. Vós não considerais o Primeiro Ministro como vosso *guru*, visto que êle se ocupa, meramente, da existência material da sociedade. Vós apelaís para êle a fim de que atenda às vossas necessidades fi-

sicas; enquanto, aqui, vós procurais um instrutor para atender às vossas necessidades psicológicas.

Mas, que é que entendeis pela palavra “necessidade”? Preciso de um pouco de sol, preciso de alimento, de roupas, e de morada; preciso, da mesma forma, de um instrutor? Para responder a essa pergunta, devo descobrir quem criou essa terrível confusão que me rodeia e que está também em mim. Se sou responsável pela confusão, sou eu, então, a única pessoa que poderá dissipar a confusão, o que significa que preciso compreender a confusão; mas vós, em geral, procurais um instrutor para que êle vos liberte da confusão, ou vos mostre o caminho, ou vos dê instruções sobre a maneira de proceder em face da confusão. Ou dizeis: “Êste mundo é falso, e preciso achar a Verdade”. E o *guru*, o instrutor diz: “Eu achei a verdade” — e por isso ides a êle para compartilhar aquela verdade.

Pode a confusão ser dissipada por outra pessoa, por maior que seja tal pessoa? É bem certo que essa confusão existe nas nossas relações, e que, portanto, precisamos compreender as nossas relações recíprocas, as nossas relações com a sociedade, com a propriedade, as idéias, etc.; e pode alguém dar-nos a compreensão dessas relações? Alguém nos pode apontar ou mostrar isso ou aquilo, mas é a mim que compete compreender as minhas relações, a

minha posição. Senhor, interessa-vos isso? Encontro dificuldade, porque sinto que não estais interessado: estais observando outra pessoa a fazer alguma coisa. Quando fazeis uma pergunta, não compreendeis a importância de prestar atenção à resposta. Por conseguinte, estais fazendo pouco caso de vosso *guru* e de vossa confusão. Em verdade, pouco vos importa o que diz o vosso *guru* e vós o procurais apenas por hábito. Conseqüentemente, a vida não tem importância para vós, ela não é energia, não é criação, não é algo que precisa ser compreendido. E, posso lê-lo em vossa fisionomia, vós não estais seriamente interessado nesta questão. Vós escutais, ou para vos justificardes na vossa busca de *gurus*, ou para fortalecer a vossa própria convicção de que os *gurus* são necessários. Mas, dessa maneira não encontraremos a verdade que esta questão encerra. Só podereis encontrar a verdade contida nesta questão, se esquadrinhardes o vosso coração para achardes a razão *por que* necessitais de um *guru*.

Há, pois, muitas coisas contidas nesta questão. Parece que julgais que a verdade é estática, e que, por isso, um *guru* vos pode levar aonde ela está. Assim como um homem pode indicar o caminho da estação, assim também julgais que um *guru* pode mostrar-vos o caminho da Verdade. Significaria isso que a Verdade é estática; mas, será estática a Verdade? Bem

gostariéis que o fôsse, porquanto tudo o que é estático satisfaz, pois, pelo menos, sabeis o que é e podeis conservá-lo em vossas mãos. De sorte que o que buscais, em verdade, é só satisfação. Desejais segurança, desejais a garantia de um *guru*, desejais que êle vos diga: "estais indo muito bem, continuai" — desejais que êle vos dê conforto mental, que vos anime, emocionalmente. Assim sendo, procurais, invariavelmente, um *guru* que de fato vos satisfaça. Essa a razão de haver tantos *gurus* e tantos discípulos; o que significa que realmente não buscais a verdade, mas somente satisfação; e o homem que vos der o máximo de satisfação, êsse homem chamareis o vosso *guru*. Tal satisfação, ou é neurológica, isto é, física, ou psicológica; e, na presença do *guru*, pensais sentir uma paz profunda, uma grande tranqüilidade, uma impressão de ser compreendido. Por outras palavras, quereis um pai ou uma mãe glorificados, para vos ajudar a vencer a dificuldade. Senhor, já estivestes sentado tranqüilamente à sombra de uma árvore? Aí também se encontra uma paz profunda. Aí também nos sentimos compreendidos. Por outras palavras, na presença de uma pessoa muito tranqüila, ficamos igualmente tranqüilos; e atribuíis essa tranqüilidade ao instrutor e o rodeais de grinaldas, enquanto tratais a pontapés o vosso servo. Assim, pois, quando dizeis que necessitais de um *guru*, nisso estão

implicadas tôdas essas coisas, não é verdade ? E o *guru* que vos garante a fuga, torna-se para vós uma necessidade.

A confusão só existe nas relações entre os indivíduos; mas, porque necessitamos de alguém para nos ajudar a compreender esta confusão ? Diríeis, agora, porventura : “Que estais vós fazendo ? Não estais agindo como nosso *guru* ?” — Certamente, não estou procedendo como vosso *guru*, primeiro, porque não vos estou dando satisfação alguma, e, depois, porque não vos estou dizendo o que deveis fazer, momento por momento, dia por dia. Estou apenas a apontar-vos uma coisa; vós a podeis levar ou deixar ficar — e isso depende de vós e não de mim. Nada peço de vós: nem adoração, nem adulação, nem insultos, nem os vossos deuses. Eu só digo: “isso é um fato; levai-o ou deixai-o ficar.”. Mas a maioria de vós o deixará ficar, pela razão muito clara de não encontrar satisfação nêle. Mas o homem que é realmente sincero, verdadeiramente ardoroso na sua intenção de descobrir, encontrará nutrição suficiente no que estamos dizendo, ou seja que a confusão só existe nas vossas relações. Tratem, por conseguinte, de compreender essas relações.

Compreender essas relações significa estar vigilante, não fugir, para que se veja tudo quanto nelas se contém. A verdade não está longe de nós, a verdade está perto; a verdade se encon-

tra debaixo de cada fôlha, em cada sorriso, em cada lágrima, nas palavras, nos sentimentos e nos pensamentos de cada um. Mas, ela está tão encoberta, que precisamos desencobri-la, para a vermos. E desencobri-la significa descobrir o que é falso; no momento em que reconhecemos o que é falso e êste desaparece, mostra-se-nos a Verdade.

A Verdade, pois, é uma coisa viva, de todos os momentos, que precisamos descobrir, e não sòmente acreditar nela, falar dela, pô-la numa fórmula. Mas, para perceberdes essa Verdade, precisais de uma mente e de um coração extremamente flexíveis e vigilantes. Entretanto, por infelicidade, a maioria de nós não quer uma mente vigilante e flexível, uma mente ágil; queremos ser postos a dormir, a poder de *mantras* e *pujas* — Santo Deus ! de quantas maneiras nós nos pomos a dormir!

Necessitamos, evidentemente, de um certo ambiente, de uma certa atmosfera, de solidão — o que não significa procurar ou evitar o isolamento — mas necessitamos de uma certa solidão, na qual haja atenção plena; e essa solidão, essa atenção plena, só existe quando há perturbação, quando os vossos problemas são realmente intensos; e, se tendes um amigo, se tendes alguém que vos possa ajudar, podeis procurá-lo; mas, francamente, tratar essa pessoa como um *guru* é, òbviamente, falta de madureza, é pueri-

lidade. É como querer agarrar-se às saias maternas.

Bem sei que, quando nos achamos em dificuldade, apelamos instintivamente para alguém — para a mãe, para o pai, ou para um pai glorificado, que chamais Mestre ou *guru*. Mas, se o *guru* fôr pessoa de algum merecimento, dir-vos-á, por certo, que deveis compreender a vós mesmo em ação, isto é, nas vossas relações. Por certo, senhor, vós sois muito mais importante do que o *guru*; sois muito mais importante do que eu; porque se trata de *vossa* vida, vossos sofrimentos, vossos esforços e vossas lutas. O *guru*, ou eu, ou outro qualquer, poderá ser livre, mas que vos adianta isso? Por conseguinte, a veneração do *guru* é prejudicial à vossa compreensão de vós mesmo. E existe, aí, um fator peculiar : quanto mais respeito demonstraís por uma determinada pessoa, tanto menos respeitais os outros. Fazeis uma profunda reverência ao *guru* e dais um pontapé no vosso servo. Por conseguinte, o vosso respeito tem muito pouca significação. Tudo isso são fatos verdadeiros, e o que acabo de dizer provavelmente não agradou à maioria de vós, porque a vossa mente quer ser confortada e não magoada como foi. Vossa mente está presa de tantas perturbações e aflições, que roga : “Pelo amor de Deus, dai-me uma esperança, dai-me um refúgio”. Senhor, só a mente que está no desespero pode encontrar a Realidade. Uma mente de todo insatisfeita pode

saltar para dentro da Realidade; mas não o pode uma mente satisfeita, uma mente respeitável e cercada de crenças.

Assim, pois, só podeis florir na vida de relação, só podeis florir no amor, e não no disputar. Mas nossos corações estão ressecados; nós os enchemos com as coisas da mente, e por isso vamos pedir a outros que encham as nossas mentes com as *suas* criações. Como não temos amor, procuramo-lo no instrutor, procuramo-lo noutra pessoa. O amor é coisa que se não pode achar. Não o podeis comprar e não podeis imolar-vos a ele. O amor só vem à existência quando o "ego" está ausente; mas, enquanto andais à busca de satisfação e de refúgios, enquanto vos recusais a compreender a vossa confusão nas relações com outros, estais somente dando mais força ao "ego" e, portanto, negando o amor.

Quereis que eu responda a mais perguntas, ou basta, por hoje? Não estais cansados? Não? Senhores, estais sendo "mesmerizados" pela minha voz e por minhas palavras? Sem dúvida. Senhores, o que acabamos de discutir, o que eu disse antes de responder às perguntas, e as respostas às duas últimas perguntas, tudo isso deve ter produzido, em vós, um efeito muito perturbador, não é verdade? Esse efeito *tem de ser* perturbador, pois, se o não fôr, então há algo em vós que está errado. Isso, porque está sendo atacada tôda a estrutura do vosso processo de pensamento, estão sendo atacados os vossos há-

bits confortáveis, e uma tal perturbação tem de ser fatigante. E se não vos sentis cansados, se não vos sentis perturbados, que buscais então aqui ? Senhores, vejamos bem claramente o que estamos tentando fazer, vós e eu. A maioria de vós dirá, provavelmente : "Conheço tudo isso; Shankara, Budha, ou um outro qualquer já o disse". Tal alegação indica que, tendo lido tanta coisa, superficialmente, vós relegais o que se está dizendo para um dos escaninhos de vossa mente e, por conseguinte, o pondeis de parte. Essa é uma maneira muito cômoda de vos desfazerdes do que tendes ouvido, o que significa que estais escutando somente no nível verbal, em vez de absorver o sentido do que se está dizendo, que gera perturbação. Senhores, não se pode ganhar a paz, senão à custa de muita busca; e o que vós e eu estamos fazendo é uma busca completa em nossas mentes e em nossos corações, com o fim de descobrirmos o que é verdadeiro e o que é falso; e êsse rebuscar, naturalmente, exige dispêndio de energia e de vitalidade; é fisicamente exaustivo, tão exaustivo talvez como cavar a terra. Mas, por infelicidade, estais habituados a escutar; sois meros espectadores a apreciar e observar o jôgo de outro; por isso, não ficais cansados. Os espectadores nunca se cansam, o que indica que não tomam realmente parte no jôgo. Mas, como já tenho dito e redito, vós não sois espectadores, e eu não estou representando para vós. Não estais aqui para

ouvir uma canção. O que vós e eu estamos tentando é encontrar uma canção em nossos próprios corações, e não ouvir a canção de outro. Estais acostumados a ouvir a canção de outro, e por isso vossos corações estão vazios, e vazios ficarão sempre, porque vós os encheis com a canção de outro. Esta não é a vossa canção e sois meros gramofones, a mudar os discos segundo os vossos caprichos; não sois músicos. E, principalmente nas épocas de grande aflição e perturbação, precisamos de ser músicos, cada um de nós, precisamos renovar-nos com canções, o que significa livrar, esvaziar o coração daquelas coisas com que a mente o encheu. Por consequência, precisamos compreender as criações da mente, e perceber a falsidade dessas criações. Porque, então, não mais encheremos o coração dessas criações. E, aí, com o coração vazio — e não, como no vosso caso, cheio de cinzas — com o coração vazio e a mente quieta, ouvir-se-á uma canção, uma canção indestrutível e incorruptível, porque não foi composta pela mente.

23 de janeiro de 1949.

III

Como hoje somos tão poucos, bem poderíamos entabular primeiramente uma discussão e responder, depois, às perguntas. Seria, talvez, interessante considerarmos a questão da revolução, modificação e reforma, seus efeitos, sua permanente importância na nossa vida, e se a revolução não representa, de fato, a única solução estável, e não a reforma ou a alteração.

A reforma de uma dada ordem social é pura regressão — não vos mostreis surpresos — não é verdade isso? Reforma não significa, meramente, a manutenção de uma condição social já existente, fazendo-se apenas uma certa modificação, mas conservando-se, fundamentalmente, a mesma estrutura? Reforma — não é verdade? — significa a continuação, com modificações, de um padrão social que proporciona certa estabilidade à sociedade; e alteração é também do mesmo caráter, não achais? Alteração é igualmente continuidade modificada, uma vez que toda alteração implica uma fórmula que procurais pôr em vigor ou um padrão que desejais implantar, ajustando o presente a esse padrão. Portanto, basicamente, reforma e alteração são

mais ou menos a mesma coisa. Uma e outra implicam a continuação do presente sob forma modificada. Implicam, — não é verdade? — que o reformador ou aquêlê que deseja introduzir a alteração, possui uma medida ou um padrão ao qual deseja ajustar a sua ação; por conseguinte, a sua alteração, a sua reforma, é uma reação ao acervo do passado, que o condiciona. Sua reforma ou modificação é, pois, reação daquele acervo ou condicionamento, o que significa um mero ajustar a um padrão “projetado” dêle próprio. Espero que estejais compreendendo tudo isso. Estou a pensar em voz alta; não pensei nisso antes; continuemos, pois.

Muito bem; um homem que deseja reformar, que deseja promover uma certa reforma ou modificação, é, com efeito, uma pessoa que está procedendo de maneira desfavorável à revolução. O reformador ou o homem que procura introduzir uma modificação, é, em verdade, um retrógrado, porque, ou bem temos uma constante revolução, ou sòmente alteração ou reforma. Tal modificação, sendo uma reação do fundo mental do indivíduo, só tem o efeito de manter a estrutura fundamental do ambiente, apenas com algumas modificações. O reformador deseja promover uma modificação numa determinada sociedade, mas a sua reforma é, apenas, a reação de sua constituição mental; o ajustar a um determinado padrão que êle deseja implantar é ainda a “projeção” de seu próprio fundo

mental. Assim sendo, o reformador, o homem que deseja introduzir uma modificação, atua, na sociedade, como um fator regressivo. Pensai nisso, por favor, não o negueis, não o afasteis.

Ora bem, qual é a relação entre o reformador e 'o revolucionário, e que entendemos por revolucionário'? O homem que tem um determinado padrão ou fórmula, e deseja pôr em prática essa fórmula, *êsse homem* é um revolucionário? Se a sua técnica é pacífica ou cruenta, nada importa; não se trata disso. O homem que tem uma fórmula, que tem uma medida, um padrão ao qual está ajustando a sua ação — *êsse homem* é revolucionário, no sentido fundamental da palavra? Muito importa verificar isso, porque a todos, ou pelo menos a muitas pessoas, interessa a questão da revolução, interessa tudo o que diz respeito à esquerda, à direita, ao centro, etc..

Pois bem; quando falamos de revolução, referimo-nos a uma revolução conforme com um padrão da esquerda, da direita ou do centro; e o homem que se diz revolucionário, não é, em verdade, um fator de retrocesso, na sociedade, tal como o reformador, tal como o homem que deseja realizar uma modificação? Vemos, pois; que o homem que tem uma fórmula e procura ajustar a sociedade a essa fórmula é, com efeito, uma pessoa que procede como um fator de retrocesso na sociedade.

Quem é, então, o verdadeiro revolucionário? É fácil perceber-se que o revolucionário que tem uma fórmula, o homem que deseja operar uma modificação, e o reformador, são iguais. Não são dissemelhantes, porque, basicamente, têm a mesma atitude com respeito à ação. Ação, para eles, significa ajustamento a uma idéia; o idealista, o reformador e o revolucionário são homens que possuem um padrão. Portanto, basicamente, as suas ações representam reação ao seu acervo mental, sendo, por conseguinte, fatores de retrocesso.

E esta é a razão por que toda revolução deste gênero está destinada a falhar, visto representar, meramente, ajustamento à esquerda ou à direita, reação a um oposto. Compreendeis? E reforma é coisa semelhante. O reformador deseja alterar uma certa incongruência na sociedade, e a sua reforma procede da reação ao seu acervo mental, ao seu condicionamento; todos eles têm, pois, um ponto de semelhança, não é verdade? — O revolucionário sanguinário, o reformador e o modificador da continuidade não são, evidentemente, verdadeiros revolucionários.

Vamos agora averiguar o que nós entendemos por revolução. Revolução não é uma série de intervalos entre duas reações condicionadas? Revolução é o resultado de uma condição estática, de ação dinâmica, ou é uma constante quebra da tradição, não se deixando, por-

tanto, nada estático, em momento algum? Isto é, revolução é uma súbita quebra da continuidade modificada e, portanto, da reação do acervo mental, ou é um movimento constante que nunca, a momento algum, se torna estático?

Conseqüentemente, revolução pode, alguma vez, significar reforma ou modificação? Reforma e alteração denotam um estado no qual não houve ação verdadeira e o qual precisa ser transformado, modificado; uma condição estática, que precisa ser alterada; e, como já dissemos, o reformador, aquêle que deseja alterar, e até mesmo o chamado revolucionário, são semelhantes nos seus fins. Deixamo-nos, a nós — isto é a sociedade, a comunidade, o grupo — ficar estáticos, estáticos no sentido de mantermos o mesmo padrão de ação. Embora, na aparência, estejamos a mover-nos, a viver e agir, a gerar filhos e construir casas, tudo isso ocorre sempre dentro do mesmo padrão estático.

Pois bem: é possível o que eu sugiro, e não representa a única solução verdadeira — que consiste em nunca nos deixarmos ficar estáticos? A sociedade, que representa a relação entre vós e mim, nunca deve ficar estática; só então pode haver uma revolução constante nas nossas relações. Mas, que é que nos faz estáticos, que nos faz agir sem profundidade, sem desígnio, nem propósito, nem beleza? Nós vivemos, produzimos, construímos, mas é

um estado estático, êsse em que vivemos, não é um estado criador. E, que é que nos faz estáticos, que é que faz estática a sociedade, a qual, com efeito, representa as nossas relações, vossas relações comigo e minhas relações com outros? Quais são os fatores que produzem ação destituída de significação e uma vida privada de sentido? Que é que, nas nossas relações, produz uma sensação de morte? Embora eu viva convosco, embora eu trabalhe convosco, há algo que é sempre destrutivo, que é sempre morto, que é sempre sombra, que é sempre estático. Se pudermos compreender e eliminar essa coisa, haverá, então, nas nossas relações, revolução constante, constante dinamismo, constante modificação — não, não quero empregar a palavra “modificação” — constante transformação.

Ora, que é que produz transformação, que é que produz a verdadeira revolução, que é que promove a destruição dêste estado estático? Que é que introduz a morte nas nossas relações? Porque ficamos envelhecidos, fatigados, esgotados sexual e fisicamente, e por várias maneiras decaímos — porque? Se pudermos compreender isso, ficaremos num constante estado de transformação. Mas, que é que produz a morte, na vida de relação? Que é que nos faz cediços, estragados, corrompidos, e que é que nos faz procurar modificação, alteração, etc.? Sem dúvida, o nosso pensar, que é o resultado

do passado. Não há pensamento sem memória, e a memória é sempre a entidade morta : ela é coisa acabada, mas que revive em ação, no presente, porém, tal ação é de decomposição, de morte. Embora pareça tão ativo, tão cheio de vida, de agilidade e energia, o pensamento é, na realidade, o resultado de um padrão fixo da memória. A memória é fixa e, conseqüentemente, o que dela procede tem de ser também limitado; visto isso, não é o próprio processo do pensamento que traz a deterioração, a morte, a fadiga, aquela condição estática? Conseqüentemente, tôda revolução baseada numa idéia, baseada no pensamento, conduz, necessariamente, mais cedo ou mais tarde, à morte. O pensamento, que é elaboração de idéias, ou um tatear à busca de um ideal, representa o sacrifício do presente a uma Utopia, que é o futuro. Senhor, percebeis alguma coisa nisso ?

Um estado de relações baseado no pensamento, que é costume, que é hábito, produz, infalivelmente, uma sociedade estática, e a ação do reformador, que deseja modificar essa sociedade, é sempre ação de morte, de escuridão, ou a reação de uma mente estática. Se observardes, podeis verificar que o que nos faz cediços, na vida de relação, é o pensar, pensar, pensar... o calcular, julgar, pesar, o ajustar-nos; e a única coisa que disso nos liberta é o amor, que não é um processo de pensamento. Não se pode *pensar* no amor. Podemos pensar

na pessoa que amamos, mas não podemos pensar no amor.

Assim, pois, o homem que ama é o verdadeiro revolucionário e a pessoa verdadeiramente religiosa; pois, o que é realmente religião, não está baseado no pensamento, ou na crença, ou nos dogmas. Uma pessoa que é como um saco de crenças e dogmas não é uma pessoa religiosa, é uma pessoa estúpida; ao passo que o homem que realmente ama é o verdadeiro revolucionário, e nêle há real transformação.

Assim, pois, o amor não é um processo de pensamento; não podemos pensar no amor. Podeis, talvez, imaginar o que êle seja, mas isso representa meramente um processo de pensamento, e não é amor; e o homem que ama é o homem verdadeiramente religioso, quer ame um só, quer ame a todos. O amor não é nem pessoal nem impessoal; é *amor* — êle não conhece fronteiras, não conhece classes nem raças. O homem que ama é revolucionário; só êle é revolucionário. O amor não é produto do pensamento, porquanto o pensamento é resultado da memória, resultado de condicionamento, e só pode produzir morte e decomposição.

Vemos, pois, que só pode haver uma revolução verdadeira, uma transformação fundamental, quando existe o amor, e essa é a religião mais sublime. Êsse estado se manifesta quando cessa o processo do pensamento, quando renunciemos a êsse processo. Só podemos re-

nunciar a uma coisa depois de a compreendermos, e não *rejeitando-a*. Uma comunidade, uma sociedade, um grupo pode ser verdadeiramente revolucionário e transformar-se continuamente, apenas num tal estado e não em conformidade com uma fórmula; porque tôda fórmula é mero produto de um processo de pensamento e, portanto, intrinsecamente, a causa de um estado estático. Pode-se também ver que o ódio não pode produzir uma revolução radical, porquanto, inevitavelmente, tudo aquilo que resulta de conflito, antagonismo, confusão, não pode ser real, não pode ser criadoramente revolucionário. O ódio é o resultado desse processo de pensamento; o ódio é pensamento; e aquela transformação que o amor traz só pode realizar-se ao cessar o processo do pensamento; por consequência, o pensamento não pode, nunca, produzir uma revolução vital.

P e r g u n t a : C r e d e s n a a l m a ?

K r i s h n a m u r t i : Vamos primeiro examinar estas duas palavras: "crer" e "alma". A palavra crer tem um "*referente*"? (sic) Sabeis o que significa a palavra "*referente*"? Uma coisa a que nos *referimos*, (sic) Quando dizeis que credes que há "Deus", que é isso, qual é o *referente* dessa crença ou dessa palavra? Não estou, por ora, discorrendo a res-

peito de Deus, mas qual é o *referente* dessa crença?

Por certo, crer é “projetar” nosso próprio desejo, não é? Por exemplo, vós credes no nacionalismo, credes em Deus. Que significa isso? Vós vos *vestis* com a idéia, vos servis da idéia de autoproteção pelo nacionalismo e chegais, dessa maneira, à crença no nacionalismo. Toda crença é, indubitavelmente, o resultado de um desejo de se estar em segurança, subjetiva ou externamente, ou é uma *experiência* baseada na memória, a qual dita a crença. Quando dizeis acreditar na alma, que é que vos faz crer nela, confiar nela, ou o que quiserdes? É o vosso condicionamento, não? Mas o esquerdista, o incrêdo, diz que não existe tal coisa, porque êle também foi condicionado à sua maneira; o crente é “condicionado”, assim como o descrente é “condicionado”.

Pois bem; existe a alma? Não é isso o que quereis saber de mim? A alma como uma entidade espiritual, não? — ou como caráter? Senhores, que entendeis por “alma”, ao falardes de alma? Referis-vos à psique? Estamos perguntando a nós mesmos — não é verdade? — se a alma, a entidade psicológica, existe. Existe, evidentemente, mas, por certo, entendemos muito mais do que isso. A alma, como caráter, existe, mas, decerto, entendemos mais do que caráter, quando falamos da alma, não é? O caráter pode ser modificado, alterado,

em conformidade com o ambiente. Nada há de permanente no caráter; êle pode ser modificado, alterado de acôrdo com as influências circundantes. Mas entendemos muito mais — uma qualidade adicional — quando falamos da alma, não é verdade? Uma coisa que afirmamos como espiritual, como adicional. Esta é a dificuldade, Senhores. Quando fazeis uma pergunta desta natureza, precisamos examiná-la com todo o cuidado.

O mais que podemos perceber é o caráter, modificado, controlado e moldado pelo ambiente. Só poderemos descobrir se há algo mais quando forem compreendidas e rompidas as influências ambientes e os respectivos efeitos. A mente limitada, isto é, a mente condicionada pelo ambiente, é incapaz de descobrir a “qualidade adicional”, pela qual estais perguntando. Não é uma questão de crença; ou ela existe ou não existe, e isso só se pode conhecer por “*experiência*”, e não é uma coisa para se crer; e só a podeis conhecer, como *experiência*, quando não existe fator condicionante, isto é, o processo do pensamento.

Vemos muito bem o que está acontecendo pelo mundo. A “qualidade adicional” nunca pode ser controlada ou modificada, nem pode ser colhida na rêde do tempo; mas o caráter pode ser modificado. Nasceis num determinado país; nêle existem certas influências, certos moldes de caráter, certos fatôres que vos mol-

dam a mente; e noutro país a moldagem se processa por maneira diferente. Assim, pois, isso que se chama caráter da pessoa, pode ser alterado, modificado, controlado, ampliado, o que quizerdes. Por certo, êsse caráter não é a *qualidade adicional*; por conseguinte, para compreender-se a *qualidade adicional*, é preciso que desapareça o caráter, ou condicionamento. Mas isso não significa que devais tornar-vos vagos ou inconsistentes; o mais que podemos fazer é tornar o caráter fluido, não estático, capaz de imediata adaptação. Afinal de contas, a virtude é a capacidade de pronta adaptação, não é o cultivo de uma idéia; o cultivo de uma idéia não é virtude. A virtude não é a negação do vício, ela é um modo de ser, e o ser não é uma idéia. O homem que cultiva a virtude não é virtuoso. Para se conhecer, ou ter a *experiência* daquilo que não é uma idéia, é preciso que cesse a elaboração de idéias, isto é, o processo do pensamento.

Vemos, pois, que o caráter pode ser modificado, alterado, moldado, e isso se está processando, consciente ou inconscientemente, a todo momento. Mas, a *qualidade adicional* é o que procurais. Não podeis “crer” nela. Se empregais a palavra “crer”, nunca que a encontrareis, porquanto crer é um processo de pensamento. O pensamento não poderá nunca encontrar o que está além, aquilo que representa a *qualidade adicional*. Com o instrumento de

exploração que possuíis — a mente — nunca a pudestes encontrar. Podeis inventar, falar, descrever, praticar tolices, em tórno da *qualidade adicional*, mas o pensamento nunca pode encontrá-la, porquanto, evidentemente, ela não se relaciona com o tempo, e o único instrumento que possuímos depende do tempo, tal como o caráter; e volvemos, assim, à mesma questão, sob aspecto diferente.

Enquanto empregarmos o intellecto como instrumento de compreensão, não poderá haver compreensão. O pensamento não produz compreensão; pelo contrário, só compreendemos com a cessação do pensamento — pelo amor de Deus, não o chameis intuição! — por intuição, entende-se percepção e não ação, mas uma tal divisão não é real. Isso sugere muitas coisas, e o examinaremos noutra oportunidade.

P e r g u n t a : À luz do novo critério, qual é o significado da educação ?

K r i s h n a m u r t i : Que quereis dizer com “novo critério”? Provavelmente tudo quanto se tem dito durante estas dez discussões — tudo o que foi dito, infelizmente, por mim. Sinto muito imiscuir-me nisso. Ora bem, o interrogante quer saber qual é o significado da educação, à luz de tudo isso.

Senhor, que entendeis por educação? Porque nos estamos educando? Porque man-

daí vossos filhos à escola? Direis, porventura, que é para aprenderem uma técnica, com a qual possam ganhar a vida. É só isso que vos interessa, não é verdade? Fazendo do vosso filho um bacharel em artes, um mestre de artes, e sabe Deus o que mais, vós lhe proporcionais um certo instrumento, uma certa faculdade, pela qual poderá ganhar a vida, não é assim? Só vos interessa, só interessa à maioria de vós, dar aos vossos filhos uma técnica, não é verdade?

Pois bem; o cultivo de qualquer técnica é educação? Bem sei que é necessário saber ler e escrever, aprender engenharia ou outra coisa, porque isso é essencial, na nossa sociedade. Mas, a técnica dará a faculdade, ou, melhor, a capacidade de “viver”, *experimental*? Porque, afinal de contas, o que entendemos por educação é a capacidade de *viver* a vida e não simplesmente aprender uma técnica, a qual, naturalmente, é somente uma parte da vida; nós precisamos ser capazes de *viver* a vida como a um todo, não achais? Posso chegar a *vivê-la* integralmente, aprendendo, simplesmente, uma técnica? Reconhecemos que a técnica é necessária, mas, para enfrentar a vida como um todo, como um todo integral, preciso *viver*, não é verdade? Para conhecer a dor, o sofrimento, a alegria, tudo — a beleza, a fealdade, o amor — preciso provar a vida, em todo e qualquer nível, não é verdade? Ora, a técnica

me ajudará a enfrentar a vida? Devemos admitir que a técnica é necessária, não devemos desfazer nela, mas se ela é o único alvo dos nossos esforços, não estamos negando a nós mesmos o conhecimento integral da vida? Se podeis ajudar alguém a *conhecer* a vida como um todo, então, esse próprio conhecimento, essa *experiência*, criará a sua técnica própria — o que não se conseguirá de outra maneira.

É difícil isso? É algo complicado? Pois bem, Senhor, vou expressá-lo por outra forma. Nós criamos o instrumento para experimentar, não é verdade? Afinal de contas, vós educais o vosso filho para *viver*, para conhecer a vida, o matrimônio, o sexo, o culto, o temor, o governo que tudo isso é a vida. Nós criamos o instrumento para *viver*; mas, pode esse instrumento, que é a técnica, *viver*? Dais ao vosso filho os instrumentos, dizendo: “Ide e vivei”. Pode o instrumento ou o portador do instrumento *experimentar* a vida?

Já se tratarmos a questão diferentemente, i. e., ajudando o estudante a *viver*, *experimentar*, então o seu próprio *experimentar* criará o instrumento, não atuando, como a simples técnica o faz atualmente, como empecilho. Está abstrato, isso, por pouco que seja?

Mais uma vez, vou expressá-lo diferentemente. Vós me ensinais a ser engenheiro, me dais a técnica de prover à minha subsistência, e toda a minha vida é a vida de um engenheiro-

ro. Eu penso, sonho, entro em competição, como engenheiro; trato minha mulher, meus filhos, meus vizinhos, como engenheiro. A profissão, a técnica, a faculdade, a função se tornou importante, mas a função não pode *experimental* a vida; refiro-me ao todo da vida, e não à simples capacidade de construir uma ponte, uma estrada ou uma casa feia.

Pois bem, que fazemos nós ? Atribuímos importância à feitura do instrumento, e esperamos, assim, por meio do instrumento, *conhecer* a vida, e esta é a razão por que a educação moderna é um verdadeiro fracasso; porque só temos técnica, só tendemos cientistas maravilhosos, portentosos físicos, matemáticos, construtores de pontes, conquistadores do espaço — e, daí ? Estais vivendo ? Somente como especialistas; mas, pode um especialista *conhecer* a vida ? Só deixando de ser especialista.

Primeiro fazemos um especialista, e esperamos que fique habilitado para *viver*. Percebeis como é errôneo esse critério ? Entretanto, não será possível criar-se, na escola ou na comunidade, um ambiente de *experiência*, para a criança, menino ou menina, através da capacidade de “*experimental*” ?

Esta é, por certo, a verdadeira revolução — *experimental* integralmente, como um ente humano integral, pois, *experimentando* terá o indivíduo a capacidade de criar, isto é, *experimentando* a arte, a beleza, ele criará, inevitá-

velmente, a técnica de pintar, de escrever. Ele desejará expressar a sua *experiência*; mas, atualmente, nós o detemos, ensinando-o a escrever composições, ensinando-lhe estilos, etc. Entretanto, se fôr ele capaz de *experimentar* um sentimento, êsse sentimento encontrará expressão, e ele achará então o seu estilo próprio; se escrever um poema de amor, será verdadeiramente um poema de amor, e não, simplesmente, versos bem medidos.

Mas, que fazemos nós? Criamos o instrumento, destruimos o homem. A função se tornou de suma importância, em detrimento do homem; mas se o indivíduo *viver integralmente*, a tôdas as horas, criará ele o seu instrumento próprio. Senhor, isso não é nenhum sonho extravagante. É o que fazemos quando somos verdadeiras entidades humanas, quando não estamos entulhados de fatos estúpidos, disso que chamamos educação. Quando tendes algo para dizer, vós o dizeis, e isso é estilo; mas, nada temos para dizer, porque destruimos a nós mesmos, pela técnica, e dela fizemos o alvo final da vida, porquanto consideramos a vida, meramente, como uma questão de ganhar o pão de cada dia, como um emprêgo; a vida é para nós um emprêgo .

Compreendendo isso, não poderão aquêles que *experimentam*, expressá-lo, ensinando? Se aquêle que ensina realmente *experimenta*, então a sua expressão será ensinamento confor-

me com o seu temperamento, suas faculdades, capacidades, etc. Tal ensinamento será então um instrumento com que se ajudará outro ser humano a *experimental*, sem estar prêso a uma técnica.

Senhor, expressando-o diferentemente : Enquanto não compreendemos a vida, servimo-nos do instrumento, na esperança de compreender a vida; mas o instrumento não pode compreender a vida, a vida precisa de ser vivida, compreendida pela vida, pela ação, pela *experiência*. Um outro fator é que o cultivo da técnica proporciona ao indivíduo um sentimento de segurança, não somente econômica, mas também psicológica, porque êle pensa possuir a capacidade de fazer alguma coisa. E a capacidade para fazer alguma coisa dá ao indivíduo uma força extraordinária. Diz êle : sei fazer isso ou aquilo; sei tocar piano; a qualquer momento que queira, posso construir uma casa". Dá-lhe isso um sentimento de independência, de vitalidade. Mas, fortalecendo a técnica, negamos a vida e a *experiência* da vida, porque a vida é perigosa, imprevisível, extraordinariamente fluida; nós não lhe conhecemos o conteúdo, e precisamos *experimentá-la* constantemente, renová-la constantemente. Temendo aquela *quantidade* desconhecida, dizemos que precisamos cultivar a técnica, porque ela nos dará um certo sentimento de segurança, interna

ou externamente. Assim, pois, enquanto nos servimos da técnica, como instrumento de segurança interior, não poderá a vida ser compreendida; e sem se *experimentar* a vida, não tem a técnica significado algum e estamos apenas destruindo a nós mesmos.

Temos técnicos de maravilhosa capacidade, e, que acontece? A técnica está sendo empregada pelos especialistas como meio de mútua destruição. É isso o que os governos querem. Querem técnicos, não querem entes humanos, porque os entes humanos se tornam perigosos para os governos. Por essa razão os governos querem controlar toda a educação, porque precisam de técnicos e mais técnicos.

Assim sendo, o novo critério não é o mero cultivo de uma técnica, o que não significa que devais rejeitar a técnica, senão que se ajude a criar um ente humano integral, o qual adquirirá a técnica pelo *experimentar*. Positivamente, Senhor, isso é simples; isto é, simples em palavras. Mas, pode-se ver o efeito extraordinário que terá na sociedade; não seremos anulados aos quarenta e cinco ou cinquenta anos, por uma técnica. Atualmente, quando chego aos 45 ou 50 anos, estou acabado, depois de dar a minha vida a uma sociedade depravada, ou a um governo que não tem nenhuma razão de ser, senão para os poucos que o têm nas mãos; mourejei durante toda a minha vida e eis-me, agora, exausto. Entretanto, a vida deveria tornar-se

mais e mais rica, mas isso só poderá dar-se quando a técnica já não tomar o lugar da *experiência*.

Senhor, se pensardes a sério nisso, reconheceréis que significa uma completa revolução. Enquanto houver o cultivo da técnica sem a *experiência* da ação integral da vida, haverá, por força, destruição, competição, confusão, antagonismo implacável. Estais-vos tornando entidades dotadas de perfeitas capacidades, e quanto mais importância atribuírdes à técnica, tanto mais destruição haverá. Se houvesse indivíduos dotados da capacidade de *experimentar* e, portanto, de ensinar, seriam eles os verdadeiros mestres e haveriam de criar sua técnica própria.

Por conseguinte, a *experiência*, a vida, é que deve ter a primazia, e não a técnica. Senhor, quando sentis em vós o impulso criador para pintar, vós tomais do pincel e pintais, sem vos preocupardes da técnica; podeis aprender a técnica, mas aquêlê impulso cria sua técnica própria, e esta é a arte mais sublime.

Está acontecendo algo muito interessante no mundo, especialmente na América do Norte. Os cientistas estão, febrilmente, planejando máquinas que não necessitarão de nenhum ser humano para serem acionadas. A vida funcionará inteiramente a poder de máquinas, máquinas de tôda espécie, e que vai ser dos entes humanos? Porque estão todos a converter-se

rapidamente em técnicos, eles irão destruir-se uns aos outros, pois não terão outra coisa que fazer. Não sabendo empregar proveitosamente os seus lazeres, buscarão refúgio nas revistas, nas idéias palavrosas, no rádio, no cinema, nas diversões debilitantes. Que lhes restará para fazer? A solução está na capacidade, na capacidade integral de conhecer, *experimental* a vida como um todo. Por conseguinte, o que é preciso é que se eduque o educador para *experimental* o todo, ajudando-o a ser um ente humano e não um técnico, um especialista.

Isso é assaz difícil, já que todos aprendemos uma técnica qualquer. Uns sabem meditar; aprenderam a técnica, mas não são verdadeiramente meditativos. Outros aprenderam a técnica de tocar piano, mas não são músicos. Sabeis ler, mas não sabeis escrever, porque em vós não há nada a requerer expressão; encheis o coração e a mente de técnica. Estais cheios de citações e vos julgais extraordinários, porque sois capazes de repetir o que outros pensaram ou disseram. Que é que existe por detrás da técnica? Palavras, palavras, pura verbalização, isto é, técnica. É o que estamos fazendo a nós mesmos; não estejais a rir, pois.

Assim sendo, primeiro a *experiência*, primeiro a vida, e não a técnica. Primeiro o amor, e não como expressar o amor. Vós ledes livros a respeito do amor, mas vossos corações estão áridos; e esta é a razão por que ledes, isto é,

para vos estimulardes. É isso o que todos estais fazendo, porque tendes cultivado o pensamento, e o pensamento é morte; e como estais a morrer lentamente, desejais estímulo, e julgais que a técnica vos dará tal estímulo. Mas, todo estímulo acarreta a decadência, tornando-vos cada vez mais embotados e fatigados.

P e r g u n t a : Vindes dirigindo uma cruzada contra a crença cega, a superstição e a religião organizada. Não tereis razão em afirmar que, apesar de vossa condenação verbal das doutrinas teosóficas, estais cumprindo o fato central da Teosofia? Vós estais pregando a legítima Teosofia. Não existe real contradição entre a vossa posição e a da Sociedade Teosófica, cuja eminente Presidente foi quem vos apresentou ao mundo.

K r i s h n a m u r t i : Não entremos a discutir personalidades, a da Doutora Besant e a minha própria, porque, então, estaremos perdidos.

Verifiquemos, antes, se de fato estou dirigindo uma cruzada contra a crença cega, a superstição e a religião organizada. O que estou fazendo é apenas tentando expor um fato. Um fato pode ser interpretado por qualquer um em conformidade com o seu condicionamento, mas o fato continuará a ser um fato. Eu posso traduzi-lo

em conformidade com meu gosto ou aversão, mas o fato não se altera.

Analogamente, uma crença, uma superstição, um dogma organizado da religião, não pode ajudar-vos a compreender a verdade. A verdade tem de ser contemplada sem a cortina protetora dessas coisas, e só então há compreensão, e não de acôrdo com os meus desejos; e as crenças organizadas e as religiões, que são dogmas organizados, não podem ajudar-me a compreender a vida. Podem ajudar-me a interpretar a vida de acôrdo com meu condicionamento, mas isso não é compreensão da vida, uma vez que significa que estou interpretando a vida em conformidade com meu instrumento, faculdade ou condicionamento. Mas tal não é *experimental* a vida, e religião não significa *experimental* a vida através de uma crença; religião é *experimental* a vida diretamente, sem condicionamento. Por conseguinte, é necessário que estejamos libertados da religião organizada, etc. etc.

Agora, qual é o ponto de vista teosófico? Uma vez que o autor da pergunta afirma que estou a cumprir o fato central da teosofia, precisamos, tanto vós como eu, verificar qual é o fato central da Teosofia, segundo o interrogante. Qual é o fato central da Teosofia? Eu realmente não o sei, mas vamos averiguá-lo. Quais são os fatos certos da Teosofia — sabedoria divina? É o que significa a palavra. (Interrup-

ção). “Nenhuma religião acima da Verdade”. É esse o fato central ?

A Teosofia e a Sociedade Teosófica são duas coisas diferentes. Pois bem, a qual das duas vos referis ? Por favor, Senhor, deixai-me primeiramente afiançar-vos que não estou atacando nem defendendo. Nós queremos encontrar a verdade desta questão; pelo menos eu o quero. Pode ser que não o queirais; pelo menos os aderentes, os que a ela se entregaram, que nela têm interesses adquiridos, êsses sustentam que o que eu digo é Teosofia. Mas essas pessoas não são investigadores da Verdade, pois estão na dependência de seus interesses adquiridos, na esperança de sua recompensa; por consequência, não estão à procura da Verdade.

Pois bem: precisamos verificar se há diferença entre a Teosofia e a Sociedade Teosófica. É bem certo que os ensinamentos do Cristo são diferentes da Igreja. Os ensinamentos do Buda diferem do Budismo, a religião organizada. Isso é evidente. A doutrina é uma coisa, e a sociedade organizada, a doutrina organizada, é outra coisa — não é verdade ?

Nessas condições, a Teosofia e a Sociedade Teosófica são duas coisas diferentes, não são ? Ora bem, que desejais achar, o fato central da Teosofia ou a Sociedade Teosófica ? Se vos interessa o fato central da Teosofia, que é a sabedoria divina, como ireis descobri-lo ?

Isto é, o fato central da Teosofia é a sabedoria, não é verdade? Chamai-o sabedoria divina, ou humana, não importa o nome. Ora, a sabedoria se procura num livro, a sabedoria é transmitida por outro, a sabedoria pode ser descrita, expressa em palavras, “verbalizada”, aprendida e repetida? Isso é sabedoria? Quando eu repito a “verbalização” da *experiência* do Buda, isso é sabedoria? Tal repetição não é uma mentira? A sabedoria não deve ser *experimentada* diretamente? E não me é possível *experimentar* a sabedoria, quando tenho somente informação relativa à experiência de outro. Senhores, aqueles de vós que desejais descobrir o fato central da Teosofia, tende a bondade de escutar com toda a atenção, e não fecheis os ouvidos. Pode a sabedoria ser organizada e espalhada, como se espalha propaganda política ou opiniões políticas? Pode a sabedoria ser organizada e propagada para benefício de outros? A sabedoria pode ser colhida através da autoridade? A sabedoria não é atingível através da *experiência* direta, e não por meio da técnica de conhecer o que outro disse a respeito da sabedoria? Ora bem, quando dizeis que não há religião acima da verdade, significa isso que o fato central da Teosofia é descobrir a Verdade, não é? Descobrir a Verdade, compreendê-la, e amá-la, não é assim? Mas a Verdade é coisa que se possa repetir e aprender? Pode-se aprender uma Verdade, assim

como se aprende uma técnica ? Não é preciso *experimentá-la* diretamente, senti-la diretamente, conhecê-la diretamente ? Não estou afirmando que tudo isso não esteja implicado na Teosofia. O que estamos discutindo é sobre o que constitui o fato central. Não li livros teosóficos e muito menos livros religiosos. Provavelmente por esta razão pode-se pensar um pouco mais livremente a respeito de tais assuntos.

Pois bem: pode o fato central da Teosofia, que é a sabedoria, a Verdade, ser expresso através de uma sociedade organizada ? Ou pode uma sociedade organizada ajudar uma outra a alcançá-lo ? Deixemos, pois, por ora, este assunto, isto é, o fato central da Teosofia.

Consideremos, agora, a Sociedade Teosófica. Agora prestais atenção. Não sei por que estais interessado em tudo isso. . .

Ora, que é uma sociedade organizada, qual a função de uma sociedade organizada — não como desejaríeis que ela fôsse, mas como é realmente, de fato ? Qual é a função de uma sociedade organizada, especialmente uma de tal natureza ? Propagar a sabedoria, não é verdade ? E depois ? Traduzir essa sabedoria, estabelecer uma plataforma para as pessoas se reunirem à sua procura ? Diríeis que sim, não diríeis ? Isto é, uma sociedade organizada para congregar aquêles que desejam procurar a ver-

dade e a sabedoria ? Decerto. Não ? (Interrupção). Senhor, não estou procurando enlear-vos, pois, afinal de contas, uma corporação organizada existe para algum fim. Imediatamente nos tornamos propugnadores, *êle* de um lado, e eu do outro. *Êle*, o chefe de uma sociedade ou seção da sociedade, e eu, seu opositor. Senhor, permiti-me dizer-vos que não sou vosso opositor; mas eu sinto, ao contrário, que tais sociedades representam um empecilho à compreensão.

Porque existe a vossa Sociedade ? Para propagar idéias ? Ou para ajudar os indivíduos a procurarem o fato central da Teosofia ? Ou para atuar como uma "plataforma de tolerância", de sorte que as pessoas de opiniões diferentes possam traduzir a verdade de acordo com o seu condicionamento ? Ou sois um grupo de pessoas que sentis afinidades umas com as outras, e dizeis : "Fazemos parte desta Sociedade, porque temos comunhão de opiniões"; ou vos reunistes com o fim de procurar a Verdade e ajudar-vos uns aos outros a achá-la. Estas são quatro possibilidades. Pois bem: tôdas elas se resolvem em duas: que nos juntamos em sociedade, com o fim de descobrir a Verdade, e de propagar a Verdade. Ora, pode-se propagar a Verdade, e pode-se procurar a Verdade ? Examinemo-lo.

Pode-se propagar a verdade ? Pensais, por exemplo, que a reencarnação é um fato. Estou-o

tomando para exemplo; dizeis : “Vamos propagar este fato; elle beneficiará muitas pessoas, aliviando-lhes os sofrimentos, etc.” — o que significa que vós *conheceis* a verdade da reincarnação. *Conheceis* a verdade da reincarnação, ou conheceis apenas a expressão verbal de uma idéia de que há continuidade? Vós o lêstes num livro, e o propagais, propagais as palavras. Compreendeis, Senhor? Isso é disseminar a Verdade? Pode-se propagar a Verdade? Mas vós podeis voltar-vos e perguntar-me: “E vós, que estais fazendo?” Digo-vos que não estou *propagando* a Verdade; estamo-nos ajudando mutuamente a ser livres, a fim de fazer vir a nós a Verdade. Não estou propagando, não vos estou dando uma “idéia”. Estou-vos ajudando a ver quais são os obstáculos que vos impedem de *experimental* diretamente a Verdade. A pessoa que propaga a Verdade, fala a Verdade? Por favor, esta questão é muito séria. Podeis fazer propaganda, mas essa propaganda não é a Verdade, é? Estais unicamente espalhando a palavra “verdade”, ou “reincarnação”, ou a estais explicando; mas a palavra “verdade” não é a Verdade. A Verdade precisa ser *experimental*, e por conseguinte a vossa propaganda é meramente verbal, inverídica.

O outro ponto é o seguinte : As pessoas se reúnem para procurar a verdade, isto é, uma parte dela. Ora, pode-se procurar a Verdade, ou ela vem a nós? Há nisso uma enorme dife-

rença. Se procurais a Verdade, é porque desejais servir-vos da Verdade, utilizá-la como uma proteção ou com o fim de alcançar conforto, segurança, isto ou aquilo; quereis usá-la como um meio de satisfação própria, ou o que quer que seja. Quando procuro alguma coisa, tal é o meu objetivo; não nos iludamos com palavreados. Quando ambiciono o poder, procuro alcançá-lo para servir-me dêle. Além disso, quando buscais a Verdade, isso significa que já a conheceis; pois não podemos procurar uma coisa que não sabemos o que é. E se a conheceis, quereis servir-vos dela. O que conheceis representa um meio para vossa própria proteção e, por conseguinte, não é a verdade. Pode achar-se a Verdade ou pode receber-se a Verdade através da crença?

Ora bem, ao discorrermos sôbre a Sociedade Teosófica, deveis compreender, naturalmente, que ela não me interessa, pois estou fora dela, completamente. Vós desejais saber se o que estou dizendo e ensinando, o fato central da Teosofia, e a Sociedade Teosófica, são a mesma coisa. Digo que, obviamente, não são. Gostaríeis de o remendar, dizendo: "Fomos nós que vos produzimos e, por consequência, vós sois uma parte de nós, como uma criança é parte do pai e da mãe". Tal é um argumento muito cômodo, mas, em verdade, o filho é inteiramente diferente do pai, logo que fica um pouquinho mais velho.

Positivamente, Senhor, quando estais empenhados, mais e mais, em “vir a ser”, quando estais, espiritualmente, a galgar a escada, vós estais negando a verdade, não estais? A Verdade não se acha no alto da escada; a Verdade está onde vós estais, naquilo que fazeis, pensais, sentis, quando beijais e abraçais, e quando explorais. Cabe-vos ver a Verdade de tudo isso, e não uma verdade que se acha no fim de inumeráveis ciclos da vida. Julgar que podeis ser um Buda, algum dia, é somente mais uma glorificação “projetada” de vós mesmos. É pensar imaturo, indigno de pessoas despertadas, profundamente meditativas e afetivas. Se pensais que sereis alguma coisa no futuro, vós não o sois agora. O que tem importância é o agora, e não o amanhã. Se não sois fraternal agora, não sereis fraternal amanhã, porque amanhã é também agora.

Vós vos juntastes como Sociedade e me perguntais se vós e eu estamos de acordo. Respondo que não. Podeis *fazer* que *fique*mos de acordo, porquanto podeis torcer alguma coisa de acordo com vossa conveniência. Podeis sustentar que o preto é branco; mas uma mente que não é direta, que é incapaz de percepção imediata das coisas, tais como elas são, só pensa nos seus interesses adquiridos, na crença, na propriedade, ou na chamada *condição espiritual*. Não vos estou aconselhando a deixar a vossa Sociedade. Não me interessa absolutamente

que a deixeis ou a não deixeis. Mas, se vos julgais empenhados na busca da verdade e se vos juntastes com o fim de achar a Realidade, ousou crer que estais procedendo de maneira muito errada. Podeis dizer : Tal é a vossa opinião". E eu direi que tendes tãda a razão. Se dissésseis: "Nós estamos procurando ser fraternais" — eu diria, mais uma vez, que estais seguindo o caminho errado, porquanto a fraternidade não se acha no fim da passagem; e se dissésseis que estais cultivando a tolerância e a fraternidade, eu diria que fraternidade e tolerância não existem. Não podem ser cultivadas. Não se cultiva a tolerância. Quando amais alguém, vós não cultivais a tolerância. É somente o homem que não tem amor no coração, que cultiva a tolerância. Isso é também uma sutileza do intellecto. Se dissésseis que vossa Sociedade não se baseia, absolutamente, na crença, quer interna, quer externamente, eu diria, então, que tanto pelas vossas ações externas como pelas internas, vós sois um fator de separação, e não de união. Tendes rituais secretos, doutrinas secretas, Mestres secretos, e tudo isso indica separação. É a própria função de uma sociedade organizada o estar separada, neste sentido.

Assim, pois, entrando mui profundamente no assunto, podemos verificar que vós, a Sociedade Teosófica, e eu, não estamos em conformidade. Ser-vos-ia grato, talvez, que esti-

véssemos de acôrdo, mas isso já é assunto inteiramente diferente — o que não significa que devais abandonar o vosso campo e passar para o meu. Não há “êste” ou “aquêle campo”; não há partidos da Verdade. A Verdade é a Verdade, uma só, única. Ela não tem partidos; não tem caminhos; nenhum caminho conduz à Verdade. Não há caminho da Verdade; ela tem de vir a vós.

A Verdade só pode vir a vós quando vossa mente e coração são simples e claros, e existe amor no vosso coração, e não se vosso coração está cheio das coisas da mente. Quando há o amor em vosso coração, vós não falais da necessidade de *se formar uma organização* para que haja a fraternidade; não falais de crença, nem falais de divisão, ou dos poderes que geram a divisão. Não precisais procurar conciliação. Sois, então, um ente humano simples, sem rótulo e sem pátria. Significa isso que precisais despojar-vos de tôdas essas coisas, para que a Verdade possa manifestar-se. E ela só pode vir quando a mente está vazia, quando a mente desiste de criar. Ela virá então, sem a chamar-des. Virá, veloz como o vento, sem ser pressentida. A Verdade vem no escuro e não quando estamos à sua espreita, desejando-a. Ela surge, súbita como a luz do sol, pura como a noite, mas, para a receber, deve o coração estar cheio e a mente vazia. Vossa mente está agora cheia e vosso coração vazio.

6 de fevereiro de 1949.

IV

Eu gostaria de saber o que significa ação, para a maioria de nós. Ação é produto de uma idéia, ou aproximação a uma idéia, ou conformidade a um padrão, ou produto mental? A ação é independente da vida de relação? Ação não é relação? E, se a baseamos numa idéia, num princípio, numa conclusão, é ação? Uma ação baseada em crença, que é idéia, é criadora? Tem uma ação de tal ordem o poder de libertar, não somente a vitalidade, mas também a energia criadora, a compreensão criadora?

Importa, certamente, descobrir-se até que ponto a nossa ação é dependente de uma idéia, e se é a idéia que vem primeiro, ou a ação; se a atividade mental é a fase que precede à ação, ou se a ação é independente da atividade mental, do processo do pensamento. Precisamos examinar e verificar este ponto, porquanto, se ação significa meramente o conformar-nos com determinado padrão, com uma idéia ou produto mental, então é a idéia, e não a ação, que assume toda a importância. A ação é, em tal caso, a mera execução da idéia. Surge, então, o problema de como aproximar a ação da idéia, como pôr em

prática a idéia, a fim de completá-la, como preencher a vida pela ação, e assim por diante. É a idéia o incentivo primordial da ação, ou a ação se verifica primeiro e, após, vem a idéia? Positivamente, se observarmos com muita atenção, veremos que a ação precede: primeiro fazemos uma coisa, agradável ou desagradável, e, a seguir, nasce, dessa ação, a idéia. Daí por diante a idéia controla a ação; e torna-se, assim, a idéia sumamente importante, em lugar da ação. E a ação é, então, meramente, a continuação de uma idéia. Por isso, a dificuldade consiste, para a maioria de nós, em que as idéias, que representam a anotação de experiências anteriores, passam a controlar, guiar e moldar a ação.

Pois bem: como já disse, a ação é relação. É que acontece quando a ação, a relação, está baseada numa idéia? A ação nascida de uma idéia continua, necessariamente, a condicionar o pensamento, pois toda idéia é produto de nosso acervo mental, e êsse acervo molda a ação e, por conseguinte, controla a relação. Conseqüentemente, a ação nascida de uma idéia não pode, em tempo algum, ser libertadora; ela tem de ser sempre condicionada, uma vez que a idéia representa uma reação condicionada, e toda ação nascida de uma idéia é, necessariamente, condicionada. Não há liberdade, não há libertação criadora, na ação que está baseada

numa idéia. Entretanto, todos os nossos sistemas de ação baseiam-se em idéias.

Assim sendo, considerar uma idéia como meio de revolução, como meio de libertar a energia criadora, é errôneo. Mas, então, que é a ação sem idéia ? Espero que estejais interessados, porquanto este problema nos diz respeito. Nossa vida é ação, e ação é relação. E se a ação é puro produto de uma idéia e a idéia um simples resíduo de experiência anterior, tal ação não pode ser libertadora, sendo mera continuação do passado, apenas modificada. Não podemos, pois, procurar a liberdade, a libertação, a compreensão da realidade, pela ação nascida de uma idéia. Uma experiência, uma experiência anterior não pode ser o caminho da Verdade. A experiência que deixa cicatriz, que deixa lembrança, não pode ser o caminho para a compreensão da Verdade. Por conseguinte, a experiência, como idéia, como memória do passado, a moldar a ação, não pode, certamente, ser o caminho da Verdade. A memória não é o caminho da compreensão. Isto é, se a ação está baseada numa idéia, que é o resultado de experiência anterior, então, tal ação, sendo produto do passado, não pode compreender o presente vivo.

Qual é então o caminho da ação verdadeira, da ação que não seja produto de idéia ? Há uma ação que não é mera repetição de uma idéia. A experiência não é o caminho da Ver-

dade, mas, para a maioria de nós, a experiência é de importância suprema. Nós *experimentamos* através da cortina da memória, o que também condiciona a *experiência*. Isto é, a idéia, a memória, a experiência passada, reagiu ao desafio, e em consequência dessa reação dá-se a experiência. Tal experiência é condicionada, logo a ação é também condicionada. Por conseguinte, a ação, como experiência, não pode levar-nos à Verdade, não pode levar-nos à compreensão. Vêde a importância disso, isto é, que a experiência é um empecilho ao verdadeiro *experimental*, porquanto a experiência representa ação condicionada e, visto que é limitada, nunca pode ser completa. Consequentemente, uma experiência é sempre um obstáculo à compreensão da Realidade. Isso contradiz o que estamos habituados a crer, isto é, que devemos ter cada vez mais experiência, mais conhecimentos, mais técnica, para sermos capazes de compreender.

Nessas condições, é necessário que haja uma maneira de proceder inteiramente diferente. Precisais descobrir por vós mesmos, interiormente, se estais agindo de acordo com uma idéia, e se há ação independente de idéia. Estamos vendo que a ação baseada numa idéia não conduz à Verdade, que a ação baseada em experiência é ação limitada. O que é susceptível de medir-se não pode compreender o imensurável, e a experiência é sempre mensurável. A experiência, portanto, não é aquilo que pensá-

vamos que ela fôsse. Por conseqüência, a ação baseada em experiência é um empecilho à compreensão da Realidade, ou à compreensão de qualquer coisa nova. Deve, portanto, haver uma maneira diferente de procedermos. Verifiquemos o que é ação não baseada numa idéia.

Quando é que agis independentemente de idéia? Quando é que há ação não resultante de experiência? Pois ação baseada em experiência é, como já vimos, limitada, e, portanto, um empecilho. A ação que não resulta de uma idéia é espontânea, quando o processo do pensamento, que se baseia na experiência, não está controlando a ação. Significa isso que existe ação independente da experiência quando a mente não está controlando a ação. Esse é o único estado em que existe compreensão: quando a mente, que se baseia na experiência, não está guiando a ação; quando o pensamento, que se baseia na experiência, não está moldando a ação. Que é ação, quando não há processo de pensamento? Pode haver ação sem processo de pensamento? Isto é, desejo construir uma ponte, uma casa. Sei a técnica, e a técnica me diz como construí-la. Chamamos a isso ação. Há a ação de escrever um poema, de pintar, de atender aos deveres governamentais, de reagir na nossa vida social e em nosso ambiente. Todas essas ações se baseiam numa idéia ou experiência anterior, que molda a ação. Mas existe ação independente de idéia?

Existe por certo uma tal ação, quando a idéia deixa de existir; e a idéia só deixa de existir quando há o amor. O amor não é lembrança. O amor não é experiência. O amor não é o pensar na pessoa amada, porque, em tal caso, o amor é mero pensamento. Positivamente, não se pode pensar no amor. Podeis pensar na pessoa que amais ou a que sois devotado — vosso *guru*, vossa imagem, vossa esposa, vosso marido; mas o pensamento, o símbolo, não é a realidade amada. Por conseguinte, o amor não é *experiência*.

Ora bem, quando há amor, há ação, não é verdade? E tal ação não é libertadora? Ela não resulta de atividade mental e não existe intervalo entre o amor e a ação, como há entre a idéia e a ação. A idéia é sempre velha; ela projeta a sua sombra no presente e procura lançar uma ponte entre a ação e a idéia. Quando há o amor, que não é atividade mental, que não é idéia, que não é memória, que não é produto da experiência, de uma disciplina habitual, então, êsse próprio amor é ação. Essa é a única coisa que liberta. Enquanto houver idéia, que é experiência, não poderá haver libertação; e enquanto perdurar êsse processo, toda ação será limitada. Quando fôr percebida a verdade disso, aquela qualidade de amor que não é atividade mental, que não pode ser pensada, virá à existência.

É isso o que realmente acontece, quando amais alguém com todo o vosso ser; é exatamente

te isso o que acontece. Podeis pensar naquela pessoa, mas êsse pensamento não é o real. Entretanto, infelizmente, o que geralmente acontece é o pensamento tomar o lugar do amor. O pensamento pode então ajustar-se ao ambiente, mas o amor nunca pode ajustar-se. Todo ajustamento é essencialmente de natureza mental, e a mente pode inventar o "amor". Quando eu digo "amo-vos", estou-me, simplesmente, ajustando a vós. Mas não é possível o ajustamento onde há o amor. O amor é único, não tem par. Por consequência, êle não pode ajustar-se a coisa alguma. Havendo amor, cessa completamente a idéia de ajustamento, de conformidade da ação baseada numa idéia. Quando há amor, há ação que é relação; e onde há ajustamento, nas relações, não há amor. Quando me ajusto a vós, porque vos amo, isto é pura conformidade com os vossos desejos, e todo ajustamento se faz com algo que está mais abaixo. Como poderíeis ajustar-vos ao que é superior, ao que é nobre e puro? Isso é impossível. Assim sendo, só pode haver ajustamento quando não há amor. O amor não está subordinado a coisa alguma; êle é único, mas não isolado. Tal amor é ação, que é relação; não é susceptível de corrupção, como o é a atividade mental, porque não existe ajustamento. Enquanto a ação se baseia numa idéia, a ação é puro ajustamento, é continuidade reformada, modificada; e uma sociedade que é produto do ajustamento a uma idéia é uma sociedade de

conflito, miséria e luta. Há liberdade na ação que não resulta de atividade mental; o amor não é devoção a algo produzido pelo pensamento. Devotamento não é amor. No amor não existe “vós” e “outro”. Há fusão completa de ambos, seja do homem com a mulher, ou do devoto com sua idéia. Um tal amor não é privilégio de uns poucos, não é apanágio dos poderosos.

Mas vós não haveis compreendido o significado da ação baseada na experiência. Quando um indivíduo percebe isso profundamente, quando tem consciência do seu inteiro significado, cessa a atividade mental. Manifesta-se, então, aquêlê estado que é produto da insatisfação. A insatisfação não é aplacada pelo preenchimento individual; mas, enquanto não há preenchimento, a insatisfação é o trampolim do qual damos o salto no desconhecido. É essa qualidade do desconhecido, que é o amor. O homem que tem consciência de achar-se num “estado de amor”, não está amando. O amor não pertence ao tempo. Por isso, não se pode pensar nêlê; aquilo em que se pode pensar pertence ao tempo. Aquilo em que se pode pensar é meramente uma “projeção” de si mesmo; já é o conhecido. Ao conhecerdes o amor, quando praticais o amor, deixa de haver amor, porquanto se trata meramente de um ajustamento da experiência ao presente; e onde há ajustamento não há amor.

P e r g u n t a : Qual é o melhor método de tranqüilizar a mente ? A meditação e a repetição do nome de Deus são o único método reconhecido. Porque as condenais ? Pode o intellecto, por si só, conseguir tal resultado ?

K r i s h n a m u r t i : Examinemos esta questão da meditação, que é realmente um problema muito complexo e requer cuidadosa reflexão. Vejamos todo o seu significado. Desenrolemos o mapa daquilo que chamamos meditação.

Que entendemos por meditação ? Por meditação entendemos a tranqüilização da mente, como em geral a compreendemos; e vejamos, agora, como devemos considerá-la, porquanto o meio tem muita importância, já que o meio cria o fim. Se empregais meios errôneos, criareis um fim errôneo. Se disciplinais a vossa mente para aquietar-se, a vossa mente deveria ficar quieta. Mas não fica. Torna-se apenas uma mente disciplinada, uma mente encerrada entre paredes; e uma mente em tais condições não está tranqüila, está apenas amarrada, controlada. Por consequência, é necessário que examinemos este assunto com todo o cuidado.

Qual é a finalidade da meditação ? É a de aquietar a mente ? A tranqüilização da mente é necessária para a descoberta da Verdade ou o *conhecimento* da realidade ? O processo de exclusão é meditação ? Entremos na questão ne-

gativamente, visto que não sabemos o que é meditação correta. Tem-se dito isso e aquilo, e ainda não sabeis o que é meditação real. É por meio de uma série de negações do pensamento, ou por meio de resistência, que se alcança a quietude mental? Isto é, a mente é errática, ela divaga incessantemente; e vós tratais de seguir uma determinada direção, resistindo a todas as outras, o que representa um processo de exclusão, de rejeição. Levantais uma muralha de resistência, pela concentração num pensamento que haveis escolhido, e procurais repelir todos os demais. É o que fazeis incessantemente, em vossa luta por aprenderdes a concentrar-vos. A concentração, em tal caso, é exclusão. Deliberais apoiar o pensamento numa palavra ou numa imagem, numa frase ou num símbolo, e resistis a todo pensamento diferente que se apresenta e produz perturbação. Assim sendo, o que chamamos meditação é o cultivo da resistência, da concentração exclusiva numa idéia por vós escolhida.

Que vos faz escolher? Que vos leva a dizer que uma coisa é boa, verdadeira, nobre, e o resto não o é? Óbvio, a escolha se baseia no prazer, na recompensa, ou no desejo de conseguir algo; ou é uma simples reação do condicionamento, ou da tradição. Porque escolheis, afinal? Porque não examinais todo e qualquer pensamento? Se tendes interesse no todo, porque escolheis uma coisa só? Porque não exa-

minais cada um dos vossos interesses ? Em vez de levantar resistência, porque não examinais cada interesse que surge, deixando de concentrar-vos, simplesmente, numa só idéia, num só interesse ? Afinal de contas, vós sois constituídos de muitos interesses; usais muitas máscaras, consciente e inconscientemente. Porque escolheis uma só e largais tôdas as outras, despendendo tôdas as vossas energias, para controlá-las e criando, dessa maneira, resistência, conflito e atrito? Entretanto, se examinais cada pensamento que surge — cada pensamento e não um limitado número de pensamentos — não há, então, exclusão. Mas é bastante difícil examinar cada pensamento. Porque, enquanto estais examinando um pensamento, outro pensamento se insinua. Mas, se estiverdes consciente, sem dominação ou justificação, vereis que, se ficais simplesmente a observar o pensamento, não se dá a intrusão de outro pensamento. É somente quando condenais, comparais e aproximais, que ocorre a interferência de outros pensamentos. Está claro isso ?

Vemos, pois, que concentração não é meditação. Vamos verificar o que é meditação, mas primeiramente precisamos ver o que ela *não* é. A concentração implica disciplina, várias formas de rejeição e resistência. Uma mente empenhada na concentração exclusiva, jamais encontrará a Verdade. Mas, uma mente que compreende cada interesse, cada movimento do pensamento,

uma mente que está consciente de cada sentimento, cada reação, e que percebe a verdade contida em cada reação — uma mente assim, extremamente flexível e ágil, é capaz de compreender “o que é”, ou seja a Verdade. Mas, uma mente concentrada não é ágil; uma mente disciplinada não é flexível. Como pode a mente ser sutil, ágil e flexível, se aprendeu unicamente a concentrar-se ?

Outrossim, a meditação não pode ser súplica, que é prece. Já orastes alguma vez ? Que acontece realmente quando orais ? Porque orais ? Vós orais (não é verdade ?) somente quando vos encontrais em dificuldades, quando vos sentis perturbados. Não orais quando sois felizes, alegres, quando tendes clareza; orais somente quando em confusão, quando existe o temor de um certo acontecimento, a fim de vos resguardardes do mesmo; ou, também, orais para conseguirdes o que desejais. Vós orais, porque há em vós o temor. Não estou dizendo que a prece é *somente* temor; mas tôda súplica resulta do temor. Uma petição, uma prece poderá dar-vos alegria; a prece suplicante, dirigida àquele que chamais o desconhecido, poderá ser atendida conforme desejais, mas essa resposta à vossa súplica pode proceder do vosso inconsciente, ou do reservatório geral, do depósito de todos os vossos desejos. A resposta não é a voz silenciosa de Deus.

Que acontece quando orais ? Pela repetição constante de certas frases e pelo contrôlê dos vossos pensamentos, a mente se torna quieta, não é verdade? Pelo menos, a mente consciente se torna quieta. Vós vos ajoelhaiis como os cristãos, ou vos sentais como os hindus, e começais a repetir, repetir, e em virtude dessa repetição a mente se aquieta. Nessa quietude, vem-vos uma dada comunicação. Essa comunicação de algo que suplicastes pode proceder do inconsciente ou pode ser a reação de vossas lembranças. Mas, por certo, não é a voz da realidade, porque a voz da realidade tem de vir a vós; não podemos invocá-la e não podemos orar a ela. Não podeis atraí-la à vossa estreita gaiola, pela execução do *puja*, do *bhajan*, e do que mais seja, pela oferta de flores, pelo apaziguamento, pela repressão de vós mesmos ou emulação com outros. Tudo isso são formas de auto-hipnose. Mas, depois de adquirirdes a habilidade de aquietar a mente, mediante a repetição de palavras e a recepção de sugestões, nesse estado de tranqüilidade existe o perigo — a não ser que estejais plenamente vigilante, para ver de onde procedem as sugestões — existe o perigo de ficardes prêso; e, em tal caso, a prece se torna um substituto da procura da Verdade. Nessas condições, uma mente aquietada pela prece não é uma mente tranqüila, uma vez que é uma coisa *feita*, e que pode ser desfeita. O que realmente acontece é que a chamada consciente da mente, aquietada mediante

apaziguamento, embotada pela repetição, recebe uma determinada resposta ao pedido feito; e o que pedis obtendes — mas não é a Verdade. Se desejais, e pedis, obtereis; mas no fim tereis de pagar por isso.

Vemos, por conseguinte, que a prece, como súplica, concorre par tranqüilizar a mente; mas há ainda uma outra forma de prece, que consiste em se ficar num estado de completa receptividade, sem pedir coisa alguma, pelo menos conscientemente. Essa receptividade sensível, provocada pela prece, é também uma forma de tranqüilidade. É meramente o vosso desejo que está a provocar a resposta do inconsciente; e essa receptividade aberta da mente consciente, que foi posta em tranqüilidade, não é capaz de compreender, porquanto a mente foi levada à tranqüilidade, mas não está tranqüila. Uma mente posta tranqüila nunca pode estar tranqüila; só pode receber uma resposta dentro das fronteiras de sua própria limitação. Uma mente estúpida pode *ser posta* tranqüila, mas a resposta terá de ser estúpida. Pode a mente estúpida julgar que a resposta obtida procede diretamente de Deus, mas não é tal. Uma mente *posta* em tranqüilidade só pode receber uma resposta em conformidade com seu próprio condicionamento. Vemos, pois, que a prece não é meditação.

Tampouco a devoção é meditação. Meditação não significa a nossa própria imolação a uma idéia. Qual é a vossa devoção? Vós vos

devotais àquilo que vos dá satisfação. Se uma coisa não vos proporciona satisfação, não vos devotais a ela. Sois devoto enquanto aquilo a que vos devotais vos traz satisfação; logo que cessa a satisfação, passais adiante. Mudais de *guru* ou mudais de idéia. O instrutor, o *guru*, a imagem, é a própria “projeção” do devoto; e essa “projeção” própria está baseada na satisfação. Assim sendo, na realidade, vós sois devoto de vós mesmo, exteriorizado em deidade, em idéia, ou num Mestre, ou num quadro. Vós vos devotais somente àquilo que vos proporciona satisfação; e, destarte, um devoto, com todo o seu *puja*, suas grinaldas, seus cânticos, está adorando a própria imagem, glorificada, ampliada. Por certo, tal coisa não é meditação.

A meditação não é disciplina. O mero disciplinar da mente é limitar a mente, é levantar uma muralha em torno dela, a fim de que não possa libertar-se. Esta a razão por que uma mente que foi disciplinada, uma mente que foi moldada, controlada, reprimida, que encontrou substitutos, que encontrou sublimação, é sempre uma mente incapaz de libertar-se.

Pode a liberdade vir à existência por meio da disciplina? Podeis disciplinar-vos para seres livres? Se vos servis de meios errôneos, o fim será também errôneo, porque o fim não é diferente do meio. Assim sendo, quando uma mente é disciplinada para alcançar um resultado, tal resultado nada mais é que a “projeção”

da mente disciplinada. Não há, por conseguinte, liberdade, mas apenas um estado de disciplina. A meditação, portanto, não é disciplina.

A meditação não é concentração, a meditação não é prece, não é devoção, a meditação não é um processo de disciplina. Que é ela, então ? Vamos averiguá-lo. Ora, ao descobrires que a concentração, a prece, a devoção e a disciplina não constituem a meditação, que acontece ? Estais descobrindo a vós mesmo em ação, não é verdade ? A compreensão dessas coisas significa o descobrimento do vosso mesmo processo pensante, o que representa autoconhecimento, não é verdade ? A revelação desse processo é a revelação de vós mesmo em ação ; compreender isso é compreender a vós próprio. Por consequência, a meditação é o processo da compreensão de vós mesmo. Não há meditação sem autoconhecimento ; eis o que acabamos de descobrir.

Por conseguinte, estais a observar a vós mesmo em ação, na concentração, na prece, na disciplina e na devoção.

O que agora estamos fazendo é a descoberta de nós mesmos, tais como somos, sem engano nem ilusão. Que acontece então ? O autoconhecimento, em si, não é um fim, o autoconhecimento é o movimento do "vir a ser". Ao examinar esses quatro aspectos de mim mesmo, em ação, descobri que existe somente um processo,

ou seja, que estou interessado em vir a ser, interessado na continuidade. Assim, pois, quanto maior fôr o conhecimento do "ego", do "ego" em todo e qualquer nível, o que significa ver a verdade de cada momento, a verdade que não é produto da experiência, porém percepção imediata, tanto maior a tranqüilidade da mente. Por exemplo, o perceber a verdade relativa à prece, com tudo o que ela implica, liberta a mente da prece, do temor, da súplica. Idênticamente, ao perceber-se a verdade relativa à disciplina, com tudo o que ela implica, dá-se a libertação da disciplina. Há, assim, muito mais conhecimento, inteligência e percebimento. A mente é libertada do seu "vir a ser" e, por conseguinte, há o percebimento da verdade.

Mas é preciso que "experimentemos" isso; não podemos ir mais longe sem "experimentar". Se ainda estais prêso à prece, nada adianta irdes mais longe, nenhuma significação tem isso; se estais ainda prêso à disciplina, o vosso prosseguir nada significa; o mesmo acontece, também, se ainda vos preocupais com o contrôle do pensamento. Mas, uma mente que *está* tranqüila, que não é posta tranqüila, que não é forçada ao silêncio; uma mente que *está* tranqüila por que tem verdadeiro interêsse, porque divisou a verdade, porque a verdade veio a ela, é inteligente e *está* liberta do conflito. O conflito se dissolve pela percepção de cada movimento do pensamento e do sentimento, e pela percepção da verdade

relativa a tais movimentos. A verdade só é perceptível, ou só pode vir à existência, quando já não existe condenação, justificação e comparação; só então está a mente tranqüila, só então se acaba a memória.

Mas, que acontece quando a mente está tranqüila, quando está quieta, quando não mais está empenhada em “vir a ser”, quando já não anda à procura de um fim, quando está extraordinariamente vigilante, passiva? Nesse silêncio, há um movimento, um “experimental”, no qual não existe o tempo. É um estado no qual não existe nem passado, nem presente, nem futuro. A meditação é o viver, momento por momento, em cada dia. Não significa o isolar-nos num aposento ou numa caverna, pois, dessa maneira, nunca podemos conhecer a Realidade. A realidade se encontra na vida de relação, não em relações remotas, mas nas relações de nossa vida cotidiana. Não havendo compreensão da verdade na vida de relação, não compreendeis o que significa possuir uma mente tranqüila. É a verdade que faz a mente tranqüila, e não o desejo de ficar tranqüilo. E a verdade se encontra nas nossas relações, que representam ação, que representam um espelho em que nos miramos.

Assim, pois, o autoconhecimento é o começo da sabedoria, e sem a sabedoria não pode haver tranqüilidade. Sabedoria não é sapiência. A sapiência é um obstáculo à sabedoria, à revelação do “ego”, momento por momento. A

mente que está quieta conhecerá o ser, conhecerá o amor. O amor não é pessoal nem impessoal. Amor é amor, e a mente não o pode definir ou descrever como inclusivo ou exclusivo. O amor é a sua própria eternidade; ele é o real, o supremo, o imensurável.

13 de fevereiro de 1949.

V

Sendo esta a minha última palestra, desejo, se mo permitis, fazer um resumo do que estivemos a discutir nestas últimas semanas. É a falta de capacidade para compreender que cria problemas. A incapacidade de compreender gera conflito; e, se temos a capacidade de compreender um problema, então o próprio problema deixa de existir. É a incapacidade de compreender um desafio que cria um problema.

A vida é, e tem de ser, uma série de desafios e "respostas". O desafio não acompanha nossos gostos e aversões, nem nossos desejos especiais, assumindo formas diferentes em ocasiões diferentes. E, se temos a capacidade de responder ao desafio de maneira adequada, completa, direta, desaparece, então, o problema.

Mas, visto não enfrentarmos o desafio de modo adequado e completo, surge-nos um problema. Como é possível adquirir-se essa capacidade? O desafio da vida não é feito em nenhum nível determinado da existência. A vida não está num único nível, quer o econômico, quer o espiritual. A vida, como já apreciámos, é um estado de relação, em níveis diferentes; ela está

sempre em fluxão, sempre a expressar-se de maneiras diferentes; e feliz é o homem que tem a capacidade de enfrentar a vida, de maneira completa, em níveis diferentes e em tôdas as ocasiões.

Assim, pois, o homem que considera a vida puro condicionamento pelo ambiente, quer econômico, quer intelectual, e que enfrenta a vida exclusivamente dêsse ponto de vista, êsse homem, evidentemente, é uma pessoa incompleta, não integrada, e seus conflitos são incontáveis, porque, é claro, a vida não está num nível só da existência. A vida é relação com as coisas, com as pessoas e as idéias; e se não correspondemos a essas relações de maneira correta e completa, surgem, então, os conflitos, ao choque do desafio.

Nosso problema consiste, pois, em achar a maneira de criar e cultivar deliberadamente — se é possível cultivá-la deliberadamente — aquela capacidade de corresponder ao desafio a todo momento. Pois não existe um só momento em que não haja desafio; e se não há resposta, temos então a morte, a decomposição. É só quando sabemos corresponder ao desafio, a todos os momentos, corresponder-lhe continuamente, livremente, de maneira completa, que temos a vida, que temos profundeza e elevação de pensamento e sentimento.

Ora, como se pode adquirir essa capacidade, como podemos chegar a ela? Certamente, não há

ciência que no-la possa dar. Ainda que estudeis todos os livros que se têm escrito sobre a maneira de enfrentar a vida, essa própria compreensão “fatual” é um verdadeiro empecilho; porque, de posse dos fatos, procurais enfrentar o desafio com esse sistema de conhecimentos. E, é bem de ver, os fatos não podem criar ou fazer vir aquela capacidade. Sem a capacidade de enfrentar plenamente a vida, torna-se-nos ela uma fonte perene de sofrimentos. Portanto, não são os fatos, não são os conhecimentos — podeis ler o Bhagavad-Gita, podeis ler todos os livros sagrados, podeis ouvir as prédicas de todos os santos, praticar inumeráveis disciplinas — não são os conhecimentos que vos ajudarão a adquirir a capacidade de enfrentar a vida.

Nessas condições, se não são os fatos, se não é o conhecimento, de que é então que se necessita? Antes de o podermos verificar, precisamos descobrir (não é verdade?) o que é a própria vida, o que é viver. Se formos capazes de o compreender, talvez venhamos a possuir a capacidade de enfrentar o desafio, que é a própria vida. A vida é tanto desafio como resposta. Não é só desafio e não é só resposta. A vida é experiência, experiência nas nossas relações. Não se pode viver no isolamento; portanto, a vida é relação, e relação é ação. E como pode adquirir-se aquela capacidade de compreender o estado de relação, que é a vida? Relação não significa, não somente comunhão com outras pes-

soas, mas também intimidade com as coisas e as idéias? A vida é relação, a qual se expressa pelo contacto com as coisas, com as pessoas e com as idéias. Ao compreendermos êsse estado de relação, teremos a capacidade para enfrentar a vida de maneira plena e adequada. Nosso problema, portanto, não é a capacidade — visto que a capacidade não é independente do estado de relação, — porém, antes, a compreensão das nossas relações, a qual produzirá, naturalmente, a capacidade de pronta flexibilidade, pronto ajustamento, pronta reação ou resposta.

A vida de relação, por certo, é o espelho no qual descobris a vós mesmo. Sem relações, vós não existis; ser é estar em relação; estar em relação é a própria existência. E vós existis unicamente em relação; do contrário, não existis, e a existência nenhum significado tem. Não é porque *pensais* que existis, que entraís na existência. Vós existis porque estais em relação; e é a falta de compreensão da vida de relação que produz conflito.

Mas não existe compreensão da vida de relação, porque nós nos servimos dela unicamente como um meio de promover o nosso êxito, promover satisfação, promover o “vir a ser”. Mas a vida de relação é um meio de autodescobrimento, porque estar em relação é *ser*, é existência. Sem relações, eu não existo. Para compreender a mim mesmo, preciso compreender a vida de relação. A vida de relação, portanto, é um espelho no qual

posso mirar-me. Esse espelho pode refletir com desfigurações, ou pode refletir “tal qual”, refletir aquilo “que é”. Mas, em geral, nos vemos nesse espelho, que é a vida de relação, somente aquilo que nos *agrada* ver; não vemos “o que é”. Preferimos idealizar, preferimos escapar-nos, preferimos viver no futuro, a compreender aquê-le estado de relação no presente imediato.

Nessas condições, o presente é utilizado pelo passado como uma passagem para o futuro. Por esse motivo, a vida de relação, que está sempre no presente, e não no futuro, ou no passado, não tem significado algum, e, por conseguinte, manifesta-se o conflito. O conflito surge porque nós nos servimos do presente como de uma passagem para o futuro ou para o passado. A mente é resultado do passado; sem o passado, não há pensamento. Sem o acervo do passado, sem o condicionamento, não existe pensamento. Mas o pensamento, que é resultado do passado, não pode compreender o presente, uma vez que se serve apenas do presente como passagem para o futuro. O futuro é sempre um “vir a ser”; e, nessas condições, o presente, no qual, tão somente, pode haver compreensão, nunca é apreendido por nós. Enquanto há “vir a ser”, há conflito. E o “vir a ser” é sempre o passado a servir-se do presente, para ser, para alcançar seus fins. No processo dêsse “vir a ser”, fica o pensamento aprisionado na rede do tempo. E o tempo não é solução para os nossos problemas.

Compreendeis sòmente no momento imediato, e não amanhã ou ontem; sempre no “agora”, embora êsse “agora” possa ser amanhã. Portanto, a compreensão não está subordinada ao tempo. Não se compreende na *próxima* vida ou no *próximo* ano.

Assim sendo, a capacidade de compreender a vida só se realiza ao compreendermos a vida de relação. A vida de relação é um espelho. Ela deve refletir, não aquilo que desejamos ser, ideal ou românticamente, mas, sim, o que na realidade *somos*; e é muito difícil percebermos a nós mesmos tais como somos realmente, porque estamos habituados a escapar-nos daquilo “que é”. É difícil perceber-se, observar-se em silêncio “o que é”, porque estamos afeitos a condenar, a justificar, a comparar e a identificar. E nesse processo de justificação, condenação, aquilo “que é” não pode ser compreendido. Só na compreensão do “que é”, podemos ficar livres do “que é”.

A vida, pois, só nos apresenta conflitos, problemas e sofrimentos, porque nos servimos de nossas relações como meio de “vir a ser”, isto é, porque buscamos satisfação na vida de relação. Quando me sirvo de outro indivíduo, quando me sirvo da propriedade ou de uma idéia como meio de expansão própria, o que significa a perpetuação da satisfação, torna-se a vida uma série de conflitos e angústias intermináveis. É só quando compreendo a vida de re-

lação — que é o começo do autoconhecimento — que o autoconhecimento faz nascer o pensar correto acerca do “que é”; e é o correto pensar que dissolve os nossos problemas, e não os *gurus*, os heróis, os *Mahatmas*, a literatura, mas, sim, a capacidade de vermos o “que é” e de não nos esquivarmos ao “que é”.

Reconhecer “o que é” é compreender “o que é”. Mas é extremamente difícil reconhecer-se “o que é”, porquanto a mente se recusa a ver, a observar, a aceitar “o que é”. O ver “o que é”, o observar “o que é”, exige ação; e qualquer ideal ou o processo de vir a ser é uma fuga à ação, é uma maneira de evitar a ação. Uma vez que nós nos protegemos com a inação, com a fuga, com os ideais, estamos fugindo daquilo “que é,” da vida de relação; mas é somente na vida de relação que podemos observar claramente a nós mesmos, tais como somos. Quanto mais penetrais no “que é”, tanto melhor podeis ver a camada mais profunda da consciência, ou seja, a vida, em diferentes níveis. Nisso existe a liberdade — não a liberdade dada pela disciplina, pelo pensamento cultivado e limitado, mas a liberdade que a verdade, como virtude, nos traz; porque, sem a virtude não há liberdade. Mas o homem que quer “vir a ser” virtuoso, não é livre. A virtude está somente no presente, e não no futuro. Vemos, pois, que o significado integral da existência não está no evitarmos o presente, mas na compreensão do presente, na vida de

relação; e não existe vida de relação senão no presente, e nisso está a beleza da vida de relação.

Afinal de contas, isso é amor, não é? O amor não está no amanhã. Não podeis dizer que amareis amanhã. Ou amais agora, ou nunca. E aquela coisa extraordinária, aquela significação e beleza do amor, só pode ser compreendida na vida de relação; o mero cultivo do amor, pela disciplina, é a negação do amor. Em tal caso, o amor é puro produto intelectual. O homem que ama com a mente tem o coração vazio. A mente pode ajustar-se, o pensamento pode ajustar-se, mas o amor não se ajusta nunca. Ele é um estado. O que é puro é sempre puro, ainda que dividido. E é êsse amor, é essa verdade que liberta.

P e r g u n t a : Dizeis que a mente, a memória e o processo do pensamento precisam desaparecer, para haver compreensão; todavia, vós nos estais comunicando algo. O que dizeis representa a experiência de algo do passado, ou o experimentais no momento em que o comunicais ?

K r i s h n a m u r t i : Quando é que fazeis uma comunicação ? Quando é que comunicais a outro a vossa experiência? Depois de ter tido a experiência, e não no momento de experimentar. A comunicação não é mais do que um resultado ulterior. Precisaís da memória, das pala-

bras, dos gestos, para transmitir uma *experiência* que tivestes. Vossa comunicação é, pois, a expressão de uma experiência já terminada.

Ora, quando é que compreendeis, quando é que há compreensão? Não sei se já notastes que só há compreensão quando a mente está muito quieta, ainda que seja por um segundo; dá-se o lampejo da compreensão quando não há verbalização do pensamento. Experimentai-o e vereis que tendes o clarão da compreensão, aquela extraordinária rapidez da intuição, quando a mente está muito tranqüila, quando o pensamento está ausente, e quando a mente não está cheia de barulho por ela mesma produzido. Nessas condições, a compreensão de qualquer coisa — de um quadro moderno, de uma criança, de vossa espôsa ou vosso vizinho — ou a compreensão da verdade, que está em tôdas as coisas, só pode despontar quando a mente está muito tranqüila. Mas uma tal tranqüilidade não pode ser cultivada, porquanto, se cultivais a mente para a tranqüilidade, não tereis uma mente tranqüila, mas sim, uma mente morta.

É essencial ter-se uma mente tranqüila, a fim de compreender-se, o que é bastante óbvio para aquêles que já *experimentaram* tudo isso. Quanto maior fôr o vosso interêsse por alguma coisa, quanto maior a vossa intenção de compreender, tanto mais simples, clara e livre estará a mente. Cessa, então, a verbalização. Afinal de contas, o pensamento é palavra, e a palavra é

que perturba. É “a cortina de palavras, a memória, que se interpõe entre o desafio e a “resposta”. É a palavra que está respondendo ao desafio, o que chamamos intelectualização. Assim sendo, a mente que vive a tagarelar, a verbalizar, não pode compreender a verdade — a verdade nas relações, não uma verdade abstrata. Não existe verdade abstrata. Mas a verdade é muito sutil. É a sua sutilidade que é difícil seguir. A verdade não é abstrata. Ela nos vem súbita, às escuras, e por isso a mente não a pode reter. Como um ladrão, nas sombras da noite, ela vem às escuras, e não quando nos preparamos para recebê-la. Vossa recepção não é mais do que um convite da avidez. Assim, pois, uma mente que está prêsa na rêde das palavras, não pode compreender a Verdade.

A segunda questão é a seguinte : Não é possível comunicar a *experiência* no momento de *experimental* ? Para a comunicação, necessita-se da memória “fatual”. Ao falar-vos, emprego palavras, as quais vós e eu compreendemos. A memória é resultado do cultivo da faculdade de aprender e armazenar palavras.

Deseja saber o interrogante como é possível haver uma mente que não expresse ou comunique simplesmente um fato depois de passado, depois da *experiência*, mas, sim, que seja capaz de experimentar e ao mesmo tempo comunicar a *experiência*. Isto é, uma mente nova, uma mente fresca, uma mente que *experimenta* sem

a interferência da memória, da memória do passado. Vejamos, pois, primeiro, a dificuldade aqui existente.

Como já disse, em geral, nós comunicamos depois da *experiência*; por conseguinte, a comunicação se torna um obstáculo a novas *experiências*; porque a comunicação, a verbalização, só tem o efeito de fortalecer a lembrança daquela *experiência*. E esse fortalecer da lembrança de uma experiência impede-nos de receber livremente a próxima *experiência*. Comunicamos uma *experiência*, ou para fortalecê-la ou para a retermos. Nós a verbalizamos, a fim de fixá-la como lembrança, ou para comunicá-la. O próprio fixar de uma *experiência* pela verbalização representa o fortalecimento de uma *experiência* já terminada. O que se fortifica, por conseguinte, é a memória; e, por isso, é a memória que faz frente ao desafio. Em tal estado, no qual a resposta ao desafio é puramente verbal, a *experiência* do passado se torna um obstáculo. Nessas condições, a nossa dificuldade consiste em *experimental* e comunicar, sem que a verbalização constitua um obstáculo a novas *experiências*.

Se, em todas estas discussões e palestras, eu me limitasse a repetir a experiência do passado, isso não somente seria terrivelmente enfadonho para vós e para mim, mas também iria fortalecer o passado e, portanto, impedir o “experimental” no presente. O que, com efeito, se dá é que a

“experiência” se processa simultaneamente com a sua comunicação. A comunicação não é verbalização, não é o vestir a *experiência*. Se vestimos a *experiência*, se lhe pomos uma vestimenta, se a moldamos, perder-se-á o seu perfume e profundidade. Só pode haver, portanto, uma mente fresca, uma mente nova, quando o *experimental* não é revestido de palavras. E no expressar verbalmente a experiência existe o perigo de a vestir, dar-lhe forma e figura e, portanto, de carregar a mente com a imagem, com o símbolo. Só é possível ter-se uma mente nova, uma mente fresca, quando não é a palavra o que importa, mas a *experiência*. Esse experimentar se dá momento por momento. Não pode haver “experimental”, se isso se torna um processo acumulativo, porquanto, em tal caso, é a acumulação que *experimenta*, e não existe *experimental*. Só há experimentar, momento por momento, quando não há acumulação. A verbalização é acumulação. É extremamente difícil e árduo expressar e ao mesmo tempo não nos deixarmos prender na rede das palavras.

A mente é, afinal de contas, o resultado do passado, de ontem. E aquilo que não está subordinado ao tempo não pode ser seguido pelo tempo. A mente não pode seguir aquilo que é extraordinariamente veloz, que não está no espaço, nem no tempo, mas naquele estado da mente em que há o *experimental*, em que não há “vir a ser”, em que tudo é novo. É a palavra

que faz velho “o que é”. É a memória de ontem que veste o presente. E para se compreender o presente, é necessário o *experimental*. Mas o *experimental* é impedido quando a palavra se torna de suma importância. Nessas condições, só há uma mente nova, uma mente que está a *experimental* continuamente, sem moldar nem ser moldada pela *experiência*, quando a palavra, o passado, não é utilizado como meio de “vir a ser”.

P e r g u n t a : É o casamento compatível com a castidade ?

K r i s h n a m u r t i : Investiguemos juntos esta questão, que sugere muitas coisas.

A castidade não é produto da mente. A castidade não resulta da disciplina. A castidade não é um ideal para alcançar-se. Tudo o que é produto da mente, criado pela mente, não é casto; porque a mente, ao criar o ideal da castidade, está-se esquivando ao “que é”; e a mente que está tentando tornar-se casta não é casta. Este é um dos pontos; investigá-lo-emos mais adiante.

Encerra também esta questão o problema dos nossos apetites sexuais, todo o problema do sexo. Vejamos por que razão o sexo se tornou um problema, para a maioria de nós, e, também, como é possível atender inteligentemente à ne-

cessidade sexual, sem transformá-la num problema.

Ora, que entendemos por sexo? O puro ato físico, ou o pensamento, que excita, estimula e favorece a realização desse ato? Sem dúvida, o sexo é coisa da mente; e por ser coisa da mente, busca necessariamente o preenchimento, sem o qual há frustração. Não vos inquieteis por causa deste assunto. Ficastes todos muito tensos, ao que vejo. Façamos dele como de qualquer outro assunto. Não vos deis este ar grave e preocupado! Tratemus deste assunto com toda a simplicidade e de modo direto. Quanto mais complexo um assunto, tanto mais se requer clareza de pensar e com tanto maior simplicidade e mais diretamente o devemos tratar.

Por que razão se tornou o sexo um problema tão momentoso nas nossas vidas? Entremos no assunto sem constrangimento, sem ansiedade, temor, condenação. Porque se tornou o sexo um problema? Ele é um problema para a maioria de vós, não? Porquê? Provavelmente nunca perguntastes a vós mesmos por que motivo há esse problema.

O sexo é um problema porque, ao que parece, no ato sexual há ausência completa do "ego". Nesse momento sois felizes por causa da desapareição da consciência individual, do "eu"; e em virtude do desejo de *mais*, do desejo de repetir essa abdicação do "ego", na qual existe felicidade plena — sem que o passado e o fu-

turo exijam essa felicidade completa, pela fusão total, pela integração — o sexo se torna, naturalmente, de suprema importância. Não é assim? Por ser uma coisa que me proporciona genuíno deleite, completo esquecimento de mim, eu a desejo mais e mais. Ora, porque desejo repeti-la? Porque em tudo o mais estou em conflito, em tudo o mais, em todos os diferentes níveis da existência, há o fortalecimento do “ego”. Econômica, social e religiosamente há o adensamento constante da consciência individual, o que significa conflito. Afinal de contas, só há consciência da individualidade, quando há conflito. A consciência individual é, por sua própria natureza, um resultado do conflito. Estamos, pois, em conflito, em tudo o mais. Em todas as nossas relações, com a propriedade, com as pessoas, com as idéias, há conflito, sofrimento, luto, miséria; mas naquele ato cessa tudo isso. Naturalmente desejais repeti-lo, porque ele vos dá felicidade, e tudo o mais vos acarreta sofrimento, agitação, conflito, confusão, antagonismo, apreensão, destruição; assume, por isso, o ato sexual a mais alta significação e importância.

O problema, portanto, não é o sexo, mas, sim, como ficarmos livres do “ego”. Vós provastes aquêl estado em que não existe o “ego”, ainda que por alguns segundos, por um dia, ou como seja; e onde está o “ego” está o conflito, o sofrimento, a luta. Por isso, existe o constan-

te desejo de repetição daquele estado livre do “ego”. Mas, o problema central é o conflito, em diferentes níveis, e como renunciar ao “ego”. Vós procurais a felicidade, êsse estado de isenção do “ego” com todos os seus conflitos, o qual encontrais momentâneamente naquele ato. Ou vós vos disciplinais, lutais, controlais, ou mesmo, vos destruíis pelo refreamento; o que significa que estais procurando livrar-vos do conflito, porque, com a cessação do conflito, há deleite. Se podemos ficar livres do conflito, temos a felicidade em todos os diferentes níveis da existência.

Que é que faz vir o conflito? Como surge êsse conflito, no vosso trabalho, nas vossas relações, no ensinar, em tôdas as coisas? Até mesmo quando escreveis um poema, até mesmo quando cantais, pintais, existe conflito. Como se origina êsse conflito? Origina-se êle do desejo de “vir a ser”? Vós pintais, desejais expressar-vos pela côr, desejais ser o melhor pintor do mundo. Estudais e vos preocupais, e esperais que o mundo aplauda a vossa arte. Mas, sempre que há o desejo de “vir a ser” “o mais...”, tem de haver conflito. É o impulso psicológico que exige “o mais...” O desejo de ser “o mais...” é psicológico; êsse desejo existe quando a psique, a mente, está empenhada em “vir a ser”, em procurar, em perseguir um determinado fim, um determinado resultado. Quando *desejais* ser um *Mahatma*, quando desejais ser um santo,

quando *desejais* compreender, quando *praticais* a virtude, quando tendes a consciência de classe, como entidade “superior”, quando vos servis das vossas faculdades para o vosso próprio engrandecimento — tudo isso, evidentemente, é indício de uma mente interessada em “vir a ser”. E, por conseguinte, tanto mais conflito tem de haver. Uma mente que está à procura do “mais...”, não está consciente do “que é”, porquanto vive sempre no “mais” — no que lhe *agradaria* ser, e nunca no “que é”. Enquanto não dissolverdes todo o conteúdo daquele conflito, essa libertação do “ego”, por meio do sexo, continuará a ser um problema medonho.

Senhor, o “ego” não é uma entidade objetiva que se possa estudar ao microscópio, ou aprender nos livros, ou compreender por meio de citações de palavras de outros, por mais ponderosas que sejam tais citações. Ele só pode ser compreendido na vida de relação. Afinal de contas, o conflito existe nas relações, seja nas relações com a propriedade, com uma idéia, com vossa esposa, ou com o vosso vizinho; e sem se resolver esse conflito fundamental, o apegarmos a esta única forma de libertação, por meio do sexo, é obviamente um indício de desequilíbrio. É isso, exatamente, o que acontece conosco. Estamos desequilibrados, porque fizemos do sexo a nossa única via de fuga; e a sociedade, a chamada civilização moderna, ajuda-nos nesse

sentido. Considerai os anúncios, os cinemas, os gestos sugestivos, as posturas, as aparências.

A maioria de vós vos casastes ainda muito jovens, quando ainda muito poderoso o impulso biológico. Tomastes uma espôsa ou um marido, e com esta espôsa ou marido tendes, de qualquer maneira, de passar o resto da vida. Vossas relações são unicamente físicas, e tudo o mais tem de se lhes ajustar. E que acontece, então ? Sois, porventura, intelectual, e vossa espôsa altamente sentimental. Onde está a vossa comunhão com ela ? Ou ela é muito prática e vós sois sonhador, vago, um tanto indiferente. Onde o vosso contacto com ela ? Sois “super-sexual”, ela não ; mas vós vos servis dela, porque tendes vossos direitos. Como pode haver comunhão entre vós e ela, quando vos servis dela ? Os casamentos, hoje em dia, estão baseados nessa idéia, nesse impulso ; mas começam a surgir contradições e conflitos cada vez mais numerosos, na vida conjugal, e daí o divórcio.

Esse problema, pois, requer um manejo inteligente, o que significa que temos de alterar toda a base de nossa educação, e isso requer compreensão, não só dos fatos da vida, mas da nossa existência de cada dia ; requer, não apenas que se conheça e compreenda o impulso biológico, o impulso sexual, mas também que se veja a maneira de atender a êle inteligentemente. Mas, na atualidade, não procedemos assim, não é verdade ? É um assunto proibido, uma coisa

secreta, de que só se fala entre quatro paredes. Na época em que o impulso é mais poderoso, e sem consideração de mais nada, juntamo-nos um ao outro para o resto da vida. Vêde o que o indivíduo faz a si próprio e ao outro.

Como pode o indivíduo intellectual harmonizar-se, comungar, com o sentimental, o pouco inteligente ou ignorante? Que comunhão pode haver, então, além da do sexo? A dificuldade de tudo isso consiste em que o preenchimento do impulso sexual, do impulso biológico, torna necessárias certas regras sociais; por isso, existem as leis relativas ao casamento. Dispondes de todos os meios de possuir aquilo que vos proporciona prazer, segurança, conforto; mas o que dá prazer constante embota a mente. Assim como o sofrimento constante insensibiliza a mente, assim também o prazer constante emurchece a mente e o coração.

E como podeis ter amor? Positivamente, o amor não é coisa da mente. O amor não é o mero ato sexual, achais que é? O amor é algo que a mente não pode, por forma nenhuma, conceber. O amor é algo que se não pode formular. E, sem amor, contraís relações, sem amor vos casais. E depois, na vida conjugal, "vós vos ajustais um ao outro". Bela frase! Vós vos ajustais um ao outro, e isso, mais uma vez, é um processo intellectual, não? Ela casou-se convosco, mas vós sois uma repulsiva massa de carnalidade, dominado por vossas paixões. Ela

é obrigada a conviver convosco. Detesta a casa, o ambiente, o horrível de tudo isso, a vossa brutalidade, mas diz : “sou casada e tenho de conformar-me com isso”. Assim, como meio de autoproteção, ela cede e, com o tempo, começa a dizer “eu te amo”. Vêdes que, quando, pelo desejo de segurança, nós nos conformamos com algo feio, êsse feio começa a parecer-nos belo, visto que isso é uma forma de autoproteção; se assim não fôsse, seríamos magoados, poderíamos ser totalmente destruídos. Vemos, pois, que o que era feio, horrendo, gradualmente se tornou belo.

Tal ajustamento é, evidentemente, um processo mental. Todos os ajustamentos o são. Mas o amor, por certo, é incapaz de ajustamento. Vós o sabeis, senhores, (não é verdade?) que, se amais alguém, não existe “ajustamento.” O que há é completa fusão. É só quando não existe amor que começamos a ajustar-nos. E êsse ajustamento se chama matrimônio. Daí resulta o fracasso do casamento, porque êle é a própria fonte do conflito, uma batalha entre duas pessoas. Êsse problema é extraordinariamente complexo, como todos os problemas, mas êsse o é mais, porque se trata de apetites e impulsos grandemente poderosos.

Nessas condições, uma mente que está apenas a ajustar-se nunca pode ser casta. Uma mente que busca a felicidade no sexo, nunca será casta. Embora haja, por momentos, nesse ato, a

abdição do “ego”, o esquecimento próprio, o desejo mesmo dessa felicidade, que é produto da mente, faz a mente impura. A castidade só existe quando há o amor; sem amor, não há castidade. E o amor não é coisa susceptível de cultivar-se. Só há amor quando há completo esquecimento de si mesmo, pelo indivíduo; e para que tenha a ventura dêsse amor, precisa o indivíduo ficar livre, pela compreensão da vida de relação. Então, havendo o amor, tem o ato sexual signifição inteiramente diferente. Esse ato não é, então, uma fuga, um hábito. O amor não é um ideal : o amor é um estado. Não pode haver amor onde há “vir a ser”. Só onde está o amor está a castidade, a pureza; mas uma mente que “vem a ser” ou tenta “vir a ser” casta, não tem amor.

P e r g u n t a : Disseram-nos que é necessário controlar-se o pensamento, para que se produza aquele estado de tranqüilidade indispensável para a compreensão da realidade. Podéis dizer-nos como se controla o pensamento ?

K r i s h n a m u r t i : Senhor, não sigais autoridade alguma. Tôda autoridade é perniciosas. A autoridade destrói, a autoridade perverte, a autoridade corrompe; e o homem que segue a autoridade está destruindo a si próprio e destruindo igualmente aquilo que se fez de autoridade. O seguidor destrói o mestre, assim como

o mestre destrói o seguidor. O *guru* destrói o discípulo, assim como o discípulo destrói o *guru*. Através da autoridade nunca descobrireis coisa alguma. É preciso que estejais livre da autoridade, para achardes a realidade. É coisa das mais difíceis ficar-se livre da autoridade, tanto exterior como interior. A autoridade interior é a consciência da *experiência*, a consciência do conhecimento. E a autoridade exterior é o Estado, o partido, o grupo, a comunidade. O homem que deseja encontrar a realidade deve evitar tôda autoridade, seja externa ou interna. Não deixeis, pois, que vos digam o que deveis pensar. Essa é a maldição da leitura : a palavra de outro se torna da máxima importância.

O autor da pergunta começa dizendo "Disseram-nos". Quem é que pode dizer-vos alguma coisa ? Não vêdes, Senhor, que os guias e os santos e os grandes instrutores falharam, porque vós sois o que sois ? Deixai-os, pois, sossegados. Vós os fizestes mal-sucedidos, porque não estais à procura da verdade; vós quereis satisfação. Não sigais pessoa alguma, nem a mim próprio. Não façais de outrem a vossa autoridade. Vós mesmo tendes de ser mestre e discípulo. No momento em que reconheceis outro indivíduo como vosso mestre, e a vós mesmo como seu discípulo, estais negando a Verdade. Na busca da verdade, não há mestre nem discípulo. A busca da Verdade é

que é importante, e não vós ou o mestre que se propõe ajudar-vos a achá-la. Evidentemente, a educação moderna, bem como a antiga, vos tem ensinado *o que pensar* e não *a pensar*. Puseram-vos num molde, e êsse molde vos destruiu; porque só procurais um *guru*, um instrutor, um guia, seja político ou de outra espécie, somente quando vos achais confuso. Do contrário, nunca seguis pessoa alguma. Se estais esclarecido, se, interiormente, sois uma luz para vós mesmo, não seguireis ninguém. Mas como o não sois, vós seguis, seguis por causa de vossa confusão; e aquilo que seguis fica também, necessariamente, confuso. Vossos guias, tais como vós mesmo, estão confusos, política ou religiosamente. Por conseguinte, tratai em primeiro lugar de dissipar a vossa própria confusão, tornando-vos uma luz para vós mesmo, e então desaparecerá o problema. A divisão entre mestre e discípulo é anti-espiritual.

Agora, deseja saber o interrogante como se controla o pensamento. Primeiramente, para que o possais controlar, precisais saber o que é o pensamento e quem é o agente que controla. Representam êles dois processos distintos ou um fenômeno único? Precisais, primeiro, compreender o que é o pensamento, para poderdes dizer “quero controlar o pensamento”, e precisais, também, conhecer o “controlador”. Existe “controlador” sem o pensamento? Se

não tendes pensamentos, existe pensante ? O pensante é o pensamento; o pensamento não está separado do pensante; ambos constituem um processo único.

Assim, pois, restam-nos apenas pensamentos, tendo desaparecido o pensante. Embora pronuncieis as palavras “eu penso”, isso representa apenas uma forma de comunicação. O que há realmente é apenas um estado, no qual existe pensamento. E o pensamento cria o pensante, o qual, então, comunica o seu pensamento. O pensante é, meramente, a “verbalização” do pensamento.

Cabe-nos, pois, verificar o que é pensamento. Saberemos, então, se é ou não possível controlá-lo, e porque desejais controlá-lo. Pode existir um critério inteiramente diferente para se pôr fim ao processo do pensamento, mas não é por meio de contrôle. Porque, no momento em que exerceis contrôle, em que fazeis um esforço de vontade, vós não compreendeis o pensamento. Estais, então, simplesmente, a condenar um pensamento e a justificar outro. Aquêles que justificastes, vós desejais conservar, e aquêles que condenastes, desejais rejeitar. Vemos, pois, o que se entende por pensamento.

Que é pensamento ? Sem a memória não há pensamento, há ? O pensamento é o resultado de experiência acumulada, que é o passado, não é ? Sem o passado não pode haver pensamento no presente, ou pode ? O pensamento,

pois, é uma reação do passado ao desejo do presente. Isto é, o pensamento, indubitavelmente, é reação da memória. Mas, que é memória? A memória, a conservação da lembrança, é a verbalização da *experiência*, não é verdade? Há desafio e reação — o que significa *experiência* — e essa *experiência* é verbalizada. Essa verbalização cria a memória; e a reação da memória ao desafio é o pensamento. Portanto, pensamento é verbalização, não é?

Não sei se já tentastes pensar sem palavras. No momento em que pensais, necessitais de palavras. Não quero dizer que não haja um estado no qual não exista verbalização. Não estamos discorrendo a êsse respeito. O pensamento é a palavra. Sem a verbalização, sem a palavra, o pensamento — o pensamento que nós conhecemos — não existe. Se perceberdes, pois, que a palavra — a verbalização — é o processo do pensamento, não se trata então de controlar o pensamento, mas sim de fazer desaparecer o pensamento como “verbalização”. Sempre que há verbalização de uma experiência, existe, forçosamente, pensamento. Pensar é verbalizar. Nosso problema, pois, não é o de saber como controlar o pensamento, mas, sim, de saber se é possível deixarmos de verbalizar, de pôr tudo em palavras. Porque pomos em palavras as nossas respostas e reações? Porque fazemos isso? Por uma razão muito óbvia: para comunicarmos, para contarmos a outro o nosso sen-

timento. Verbalizamos, também, com o fim de fortalecer o sentimento, não é verdade? — com o fim de fixá-lo, de contemplá-lo, de recapitar o sentimento que nos fugiu. A palavra tomou o lugar do sentimento que se foi. Assume, dêse modo, a palavra tôda a importância, em lugar do próprio sentimento, da reação, da experiência. A palavra tomou o lugar da experiência. Destarte, a palavra se torna pensamento, o qual obsta ao “experimental”.

Nosso problema, pois, é o seguinte: é possível deixarmos de “verbalizar”, de dar nome, de determinar? Isso é possível, evidentemente. Vós o fazeis com freqüência, porém inconscientemente. Quando defrontais uma crise, com um súbito desafio, não há verbalização. Vós a enfrentais por maneira completa. Isso é possível, portanto, mas somente quando a palavra deixa de ser importante, o que significa: quando o pensamento, a idéia, deixa de ser importante. Quando uma idéia se torna importante, torna-se então importante o padrão, a ideologia, e a revolução baseada numa idéia se torna importante. Mas revolução baseada numa idéia não é revolução, é somente a continuação, a continuidade modificada, de uma idéia velha, de uma idéia de ontem.

Nessas condições, a palavra só se torna importante quando *não* é importante o *experimental*, quando não há o “estado de *experimental*”, que é enfrentar o desafio sem verba-

lização, sem a cortina protetora das palavras. Dais vida à palavra, que é memória, quando é essa memória que enfrenta o desafio; porque a memória, em si, não tem vida, não é verdade? A palavra, por si só, não tem significação. Ela só ganha vitalidade, força, ímpeto, plenitude, quando é o passado, a memória, que enfrenta o desafio. Por consequência, pela ação do vivente, o que está morto volta à vida. E visto que ganha mais vida, daquilo que em si está morto, o pensamento se torna sumamente importante. O pensamento, por si só, não tem significado algum, a não ser em relação com o passado, que é verbal. E não se trata de controlar o pensamento. Pelo contrário, uma mente controlada é incapaz de receber a verdade. Mente controlada é mente ansiosa, mente que resiste, que reprime, que substitui, e uma mente em tais condições está cheia de temor; e como pode estar tranqüila uma mente cheia de ansiedade? Só pode haver tranqüilidade quando a mente não está presa na rede das palavras. Quando a mente não está mais a verbalizar toda experiência, acha-se ela, então, num “estado de experimentar”.

Quando há “experimentar”, não há o que experimenta nem a coisa experimentada. Nesse “estado de experimentar” que é sempre novo, que sempre é ser — embora se possa comunicar esse ser mediante o uso de palavras — o indivíduo sabe que a palavra não é a experiên-

cia, que a palavra não é a coisa, que ela nenhum conteúdo tem; só a própria “experiência” é repleta de conteúdo. O “experimental” não é, pois, verbalização. “Experimental” é a mais elevada forma de compreensão, porquanto é a negação do pensar. A forma negativa de pensar é a mais elevada forma de compreensão; e não pode haver pensar negativo, quando há verbalização do pensamento. Não se trata, pois, absolutamente, de controlar o pensamento, mas de se ficar livre do pensamento. É só quando a mente fica livre do pensamento, que há percepção daquilo “que é”, do que é eterno, do que é a Verdade.

P e r g u n t a : Que entendeis por transformação ?

K r i s h n a m u r t i : É óbvio que se faz necessária uma revolução radical. A crise mundial a exige. Nossas vidas a exigem. Nossos incidentes de cada dia, nossos interesses, ansiedades, a exigem. Nossos problemas a exigem. Faz-se necessária uma revolução fundamental, radical, porque tudo ruiu em torno de nós. Embora haja uma ordem aparente, na realidade há decomposição lenta, destruição : a onda de destruição está constantemente a submergir a vida. Por isso, precisamos de revolução — mas não revolução baseada numa idéia, que representa, meramente, um prolongamento

da idéia e não uma transformação radical. E toda revolução baseada numa idéia acarreta morticínios, subversão, caos. Do caos não se pode extrair a ordem; não podeis produzir o caos, deliberadamente, para depois extrair a ordem desse caos. Não sois os eleitos de Deus, destinados a criar a ordem, tirando-a da confusão. Tal é uma maneira muito errônea de pensar, por parte daquêles que desejam criar mais e mais confusão, para depois estabelecerem a ordem. Por terem temporariamente o poder nas mãos, presumem êles conhecer tôdas as maneiras de produzir a ordem. Mas, em vista de toda esta catástrofe, — a constante repetição das guerras, o incessante conflito entre classes e entre povos, a medonha desigualdade econômica e social, a desigualdade de capacidade e de talentos, o abismo entre os que são extraordinariamente felizes, tranqüilos, e os que se debatem nas garras do ódio, do conflito e da desgraça — em vista de tudo isso faz-se necessária uma revolução, uma transformação completa, não achais ?

Ora, esta transformação, esta revolução radical é um resultado final, ou se dá momento por momento ?

Sei que seria *preferível* que ela fôsse um resultado final, porquanto é muito mais fácil pensar-se no que está remoto. No fim, seremos transformados; no fim, seremos felizes; no fim, encontraremos a verdade; mas, no inte-

rim, continuemos para a frente. Por certo, uma mente que só pensa no futuro, é incapaz de agir no presente; e, por conseguinte, essa mente não visa à transformação, pois está justamente a evitar a transformação. E que quer dizer “transformação”?

A transformação não está no futuro, nunca pode dar-se no futuro, ela só pode dar-se agora, de momento em momento. Mas, que entendemos por transformação? Ora, é muito simples: é ver o falso como falso, e o verdadeiro como verdadeiro. É ver a verdade que está contida no falso, e ver o falso naquilo que se aceitou como verdade. Ver o falso como falso, e o verdadeiro como verdadeiro, é transformação. Porque, no momento em que vêdes claramente uma coisa como verdadeira, essa verdade liberta. Ao verdes que uma coisa é falsa, essa coisa falsa se desvanece. Senhor, ao verdes que as cerimônias são puras e vãs repetições, ao perceberdes a verdade que há nisso, e não o justificardes, dá-se uma transformação — não é verdade? — porque ficastes livre de mais uma prisão. Ao verdes que a distinção de classe é coisa falsa, que ela cria conflito, sofrimento, divisão entre as pessoas — ao perceberdes essa verdade, ela própria vos liberta. A percepção mesma dessa verdade é transformação, não é? E como estamos rodeados de tantas coisas falsas, a percepção da falsidade, momento por momento, é transfor-

mação. A verdade não é acumulativa. Ela está presente momento por momento. O que é acumulativo, o que se acumula, é a memória, e pela memória nunca se pode achar a verdade; porque a memória é produto do tempo — do passado, do presente e do futuro. O tempo, que é continuidade, nunca pode achar o que é eterno; a eternidade não é continuidade. O que tem duração não é eterno. A eternidade está no momento presente. A eternidade está no agora. O agora não é reflexo do passado, não é continuação do passado, através do presente, rumo ao futuro.

A mente desejosa de transformação futura, ou que visa à transformação como um resultado final, nunca poderá achar a verdade. Porque a verdade é uma coisa que deve vir momento por momento, que precisa sempre ser descoberta de novo; e, naturalmente, não pode haver descobrimento mediante acumulação. Como é possível descobrires o que é novo, com a carga do que é velho? É só pelo desaparecimento dessa carga que se descobre o novo. Assim, pois, para descobrir-se o novo, o eterno, no presente, momento por momento, necessita-se de uma mente extrordinariamente alertada, uma mente que não visa a um resultado, uma mente não interessada em “vir a ser”. A mente empenhada em “vir a ser” não conhecerá jamais a perfeita e suprema felicidade do contentamento; não o contentamento que é pura satis-

fação, não o contentamento derivado da consecução de um resultado, mas o contentamento que se manifesta quando a mente percebe a verdade no “que é”, e o falso no “que é”. A percepção dessa verdade é de cada momento; e essa percepção é retardada pela “verbalização” do momento.

Assim, pois, a transformação não é um resultado final. A transformação não é um resultado. Todo resultado implica resíduo, implica uma causa e um efeito. Onde há causalidade, há necessariamente efeito. O efeito é meramente o resultado de vosso desejo de serdes transformado. Quando desejais ser transformado, estais ainda pensando em “vir a ser”, e aquilo que está no “vir a ser”, nunca pode conhecer o que é o *ser*. A verdade é o *ser*, momento por momento; e a felicidade que tem continuidade não é a felicidade. A felicidade é aquele estado que está fora do tempo. Esse estado atemporal só pode manifestar-se quando há extraordinária insatisfação — não a insatisfação que descobriu uma via de fuga, mas a insatisfação que não tem saída alguma, que não tem possibilidade de fuga, que já não busca preenchimento. Só então, em tal estado de suprema insatisfação, pode despontar a Realidade. Essa realidade não pode comprar-se, vender-se, repetir-se, e não pode colher-se nos livros. Ela tem de ser achada momento por momento, no sorriso, na lágrima, sob a folha

morta, nos pensamentos erradios, na plenitude do amor. Porque o amor não é diferente da verdade. O amor é aquêlê estado no qual o processo do pensamento, como tempo, desapareceu de todo. E onde está o amor, há transformação. Sem amor, nada significa a revolução, porque em tal caso a revolução é só destruição, decomposição, desgraça cada vez maior e cada vez mais geral. Onde há amor há revolução, porque o amor é transformação, momento por momento.

20 de fevereiro de 1949.